



Entrevista: Orlando Pessuti

paraná cooperativo

Ano I
Número 11
Junho/2005

www.ocepar.org.br



Lar

**Agroindústria garante
diversificação e renda
ao produtor cooperado**

II Prêmio

OCEPAR

de Jornalismo

A responsabilidade social
e econômica das cooperativas
no desenvolvimento do Paraná



» Inscrições até

1º de novembro de 2005

Matérias publicadas ou veiculadas entre 1º de janeiro e 31 de outubro de 2005

» Informações

41 352 2276 | imprensa@ocepar.org.br
www.ocepar.org.br

Iniciativa:



OCEPAR
Sindicato e Organização das Cooperativas
do Estado do Paraná
SESCOOP/PR
Serviço Nacional de Aprendizagem
das Cooperativas

Apoio:



O fortalecimento das cooperativas de crédito



João Paulo Koslovski

Presidente do Sistema OCEPAR

A cada ano agrícola ou safra que passa, fico mais convencido da importância do fortalecimento das cooperativas de crédito do País. A incapacidade do Governo de atender adequadamente os setores produtivos com aporte de recursos de financiamentos para investimentos, custos, giro, etc, certamente tem sido fator limitante ao crescimento e desenvolvimento da nossa economia. As cooperativas de crédito, uma experiência de êxito há mais de um século no mundo inteiro, sem sombra de dúvidas, podem, e com certeza serão, o grande instrumento de apoio de financiamento do setor produtivo brasileiro.

Apesar de uma participação ainda pequena no bolo dos financiamentos concedidos no País, em torno de 2%, a sua organização em sistemas tem permitido avanços significativos. Os apoios recebidos do governo FHC e, mais recentemente, do governo Lula, demonstram que o próprio governo está ciente de que as cooperativas de crédito se apresentam como uma das melhores alternativas para suprir os setores da economia com financiamentos. No Paraná, as 53 cooperativas de crédito administraram, em 2004, R\$ 1,5 bilhão em recursos dos quase 250.000 associados. E ao final do ano, após as assembleias gerais, devolveram aos associados ou capitalizaram sobras de R\$ 58 milhões.

Cresceram 30% em cooperados e em recursos administrados, apesar das restrições operacionais. Imaginemos, então, seu potencial de crescimento se fossem permitidas aberturas maiores e facilitada a sua capitalização através de

programa governamental – em negociação – para que possam alavancar os financiamentos, à semelhança do que ocorreu em países como os Estados Unidos. Vivemos um momento no qual os bancos brasileiros têm perdido participação no total do sistema financeiro para os bancos estrangeiros. As cooperativas de crédito, algumas vezes conhecidas como “os bancos das comunidades”, podem equilibrar essa tendência, mantendo aqui nosso capital.

O papel econômico e “social” – isto mesmo, social – que as cooperativas de crédito têm desenvolvido no interior do País é algo maravilhoso. No Paraná, por exemplo, em mais de 40 comunidades as cooperativas de crédito são a única instituição financeira. E aí é que precisamos da sensibilidade governamental para permitir que as cooperativas prestem os serviços que hoje são vedados, como o pagamento do funcionalismo público e a movimentação de recursos dos municípios e do Estado. É importante dizer que as cooperativas de crédito são entidades prestadoras de serviços bancários, sem fins lucrativos, nas quais o resultado de sua atuação fica nas comunidades onde atuam. Este é mais um motivo para estimular, apoiar e até subsidiar as ações cooperativistas, cujos benefícios se revertem para milhares de pessoas (os cooperados), diferentemente do que ocorre num banco privado, no qual o lucro vai para os acionistas, normalmente formado por pequeno grupo de pessoas, concentrando renda.

O mais importante neste processo é que as cooperativas de crédito crescem de forma disciplinada, organizada e os sistemas têm rígido acompanhamento de suas

centrais, garantindo segurança ao cooperado. A atuação séria e competente do Banco Central, que as acompanha estabelecendo rígidos sistemas de controle, tem permitido às cooperativas crescer e ampliar suas ações junto aos setores econômicos da sociedade. O sistema se profissionalizou, ganhou espaço e a simpatia das comunidades onde atua. O esforço envidado pelos dirigentes das cooperativas de crédito e pelos seus profissionais no desenvolvimento de um sistema moderno, ágil e seguro tem trazido reflexos positivos no seu crescimento.

No entanto, aguardamos do Congresso Nacional e das autoridades federais uma rápida ação no sentido de retirar os últimos entraves que estão impedindo o crescimento livre do setor. O acesso aos recursos do FAT e de outros fundos constitucionais regionais, a atuação com os municípios e o Estado, e outras são as principais limitações ao crescimento das cooperativas de crédito. No entanto, é importante que se viabilize um programa permanente que possibilite a capitalização das cooperativas, o que permitirá um avanço enorme para o setor, com benefícios imensuráveis para os associados, que se beneficiarão através de financiamentos a custos mais competitivos.

O caminho está aberto e está sendo pavimentado com muito profissionalismo. Mas é preciso sensibilidade do Governo para que o cooperativismo de crédito, este fenomenal instrumento democrático na captação e concessão de recursos, possa ampliar suas ações, beneficiando milhares de pessoas e promovendo o desenvolvimento para benefício e qualidade de vida das pessoas.

Será que nada mudou?

A história recente mostra que a atual crise da agricultura brasileira não é a primeira e não deve ser a última a causar prejuízos no campo. A única coincidência é a frequência com que esses problemas vêm ocorrendo com maior intensidade, a cada 10 anos. A exemplo do que está acontecendo nesta safra, em 1985 e 1995, os produtores rurais também reclamavam dos financiamentos escassos, dos juros altos e da falta de políticas públicas concretas e que permitam o crescimento sustentável do agronegócio.

Hoje, quando vemos o produtor rural e as cooperativas sendo castigadas pela estiagem ou então pela conjuntura econômica que penaliza a atividade, a impressão é que nada mudou. Mas será que nada mudou mesmo? Em relação às dificuldades, pode ser que elas sejam as mesmas de 20 anos atrás. Porém, o fato concreto é que, apesar dos problemas, o agronegócio vem se superando no Brasil e desponta como um dos principais segmentos que dão sustentação ao desenvolvimento econômico do País.

Isso significa, que o produtor está fazendo sua parte, produzindo e gerando emprego e renda a partir do campo. Contudo, isto só não basta, é preciso o comprometimento do poder público com essa nova realidade econômica desenhada pelo segmento agropecuário. Também é certo que o governo federal tem demonstrado sensibilidade nesse aspecto. Mas é preciso ter consciência que o caminho seguro e sustentável da agricultura passa, necessariamente, pela definição e implantação de políticas que realmente contemplem o crescimento.

Por enquanto, só resta expor o cenário, fazer suas reivindicações e mostrar o poder de articulação e mobilização do setor, como aconteceu no último dia 31 de maio, quando 12 mil produtores rurais participaram de uma manifestação em Londrina. A esperança é que, um dia, o agronegócio receba um tratamento proporcional à sua importância no cenário econômico nacional. No caso do Paraná, o segmento representa mais de 35% do PIB.

6



Entrevista: vice-governador e secretário da Agricultura, Orlando Pessuti



Ministro Paulo Bernardo, no Fórum dos Presidentes das Cooperativas Agropecuárias

10

14



Cooperativa Lar: diversificação da atividade agroindustrial e do produtor cooperado

20 18º Encontro de Comitês Educativos e 13º Simpósio das Unimed's do Paraná

Diretoria da Ocepar
2003/2007

Presidente:
João Paulo Koslovski

Diretores:
Alfredo Lang
Frans Borg
Luiz Roberto Baggio
Luiz Lourenço
José Otaviano de Oliveira Ribeiro
Sérgio Luiz Panceri
Luiz Carlos Misurelli Palmquist
Leocir Sartor
Almir Montecelli
Áureo Zamprônio
Valter Pitol
Dilvo Grolli
Edvino Schadeck

Conselho Fiscal:
Titulares:
Jaime Basso
Miguel Rubens Tranin
Nelson Canan

Suplentes:
Gaspar de Geus
Luiz Francisco Gianini
Antônio Sérgio de Oliveira

Superintendente:
José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:
Nelson Costa

Diretoria do SESCOOP-PR
2003/2006

Presidente:
João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo:
Alfredo Lang
Guntolf van Kaick
Josiany de Fátima Rolo
Luiz Lourenço

Suplentes:
Frans Borg
Juacir João Wischneski
Célia Hoffmann
Sérgio Luiz Panceri

Conselho Fiscal:
Titulares:
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Eurico Woitowicz
Gabriel Nadal

Suplentes:
Jacir Scalvi
Carmen Tereza Sagheti Reis
Francisco Augusto Sella

Superintendente:
José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo - Editada pela Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop-PR. **Cordenação:** Samuel Zanella Milléo Filho. **Redação:** Giovani Ferreira e Eloy Setti. **Apoio:** Cleide de Paula. **Fotos:** Imprensa Ocepar. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Lauermann, Leonardo Boesche, Samuel Zanella Milléo Filho, Eloy Setti e Giovani Ferreira. **Diagramação, fotolito e impressão:** Editora Paranaense. **Redação:** Rua Mateus Leme, 575, CEP 80530-010, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 3352-2276 / (41) 3352-2080. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br **Página na Internet:** www.ocepar.org.br. **Capa:** Coodetec/Marcos Piaia. **As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.**

24

Mobilização de produtores
reúne 12 mil em Londrina



29

Presidentes de
organizações estaduais
em visita ao Paraná

32

O papel do agente de
desenvolvimento humano
no processo de
capacitação



22 Unicred Norte
já conta com mais
de 5 mil cooperados

30 Trigo do PR volta
a ser competitivo com
diferimento de ICMS

Orlando Pessuti

Vice-governador e secretário de Estado da Agricultura e do Abastecimento

Contemplar o meio ambiente, mas também o econômico e social



Fotos: Imprensa Oeppar

As dificuldades enfrentadas pelos produtores paranaenses, os problemas de infra-estrutura e o esforço dos últimos 10 anos para manter o Paraná como área livre de febre aftosa são alguns dos temas abordados na entrevista deste mês com o vice-governador e secretário de Estado da Agricultura e do Abastecimento, Orlando Pessuti. Questões mais polêmicas, como meio ambiente, Porto de Paranaguá e o processo de autarquização da Emater também ganham espaço na entrevista com o secretário. Pessuti destaca ainda conquistas como o programa Leite das Crianças, que deve ser ampliado, o fundo de aval e a entrada do sistema cooperativo no abate de bovinos.

Paraná Cooperativo – *O agronegócio enfrenta uma das piores crises dos últimos tempos. No Paraná, onde 35% do PIB têm origem no campo, as dificuldades são ainda maiores. O que o Estado vem fazendo para minimizar os efeitos dessa conjuntura desfavorável?*

Pessuti – Realmente, tivemos nessa safra 2004/2005 o pior momento da nossa agropecuária, em função do longo período de estiagem. Como isso também aconteceu na safra anterior de 2003/2004, com gravidade um pouco menor, só temos que lamentar que isso tenha ocorrido com a nossa produção agrícola e pecuária. É o governo do Estado, sensível ao problema, procura, junto com todas as entidades, como a Ocepar, Faep, Fetaep, as associações de produtores, sociedades rurais e as instituições de crédito – Banco do Brasil e Sicredi – adotar uma série de medidas e providências para que a gente possa minimizar ou amenizar o sofrimento dos nossos produtores. Nós fomos à luta para que os financiamentos pudessem ser prorrogados e que tivéssemos assegurado os recursos para o plantio da safra de inverno. Buscamos recursos para otimizar a comercialização da safra, já que, além de uma produção bastante reduzida, também temos, ainda, problemas sérios de preços para os produtos agrícolas. Colocamos, enfim, toda a nossa equipe, da extensão rural, da Emater, à disposição dos agricultores, para que a gente pudesse organizar um pouco mais a situação neste momento.

Paraná Cooperativo – *Além das dificuldades econômicas e da estiagem, o Estado ainda tem problemas de infra-estrutura. O senhor acredita que a solução passa por um projeto de investimentos que garanta o crescimento?*

Pessuti – Passa, e nós estamos trabalhando para que isso aconteça. O Paraná está investindo neste período de governo Roberto Requião e Pessuti, através da Secretaria dos Transportes e do DER, algo ao redor de R\$ 1 bilhão, para reconstruir cerca de 4 mil quilômetros de estradas estaduais e construir algumas centenas de quilômetros (200 a 300) de novas rodovias no Para-

ná. A questão das estradas está sendo encarada com toda a preferência, nesse instante, por parte do governo do Estado. A questão do Porto de Paranaguá também merece atenção especial do governo nesse instante. Nós estamos investindo recursos superiores a R\$ 200 milhões na ampliação do cais oeste e na pavimentação de ruas e vias de acesso. Estamos também trabalhando com a idéia de construir um novo silo em Paranaguá, para termos uma condição de armazenagem e movimentação de cargas maiores, bem como, na construção de um novo pátio para estacionamento dos caminhões.

Paraná Cooperativo – *E a questão do modal ferroviário?*

Pessuti – Junto ao governo federal o trabalho é no sentido de que a gente possa ver encaminhada a questão da melhoria da malha ferroviária no Estado. Temos problemas sérios de tráfego ferroviário, principalmente entre Guarapuava e Ponta Grossa, e também entre Curitiba e Paranaguá; estamos praticamente com a nossa capacidade esgotada. Nesse sentido, existem vontade e determinação do governo do Paraná em prosseguir com os trilhos da Ferroeste de Cascavel até Guaíra. Poderíamos, em Guaíra, montar uma estrutura muito importante hidrorodoferroviária, integrando as rodovias, a ferrovia e a hidrovía do rio Paraná/Tietê. Então, existe toda essa preocupação do ponto de logística.

Paraná Cooperativo – *Com o aumento do volume de produção, o investimento em armazéns também é uma demanda?*

Pessuti – No que diz respeito à armazenagem em geral, temos realmente pouca coisa feita em termos de governo do Estado e pouca coisa feita em termos de governo federal. Aí, quem tem buscado solucionar o problema da armazenagem é a própria iniciativa privada, através dos grandes empreendedores do agronegócio, as grandes tradings e as nossas cooperativas. O Estado do Paraná ou o Brasil pouco tem investido. Temos conversado muito com o ministro Roberto Rodrigues e precisamos realmente investir em armazenagem.

Nessa área, o sistema cooperativo é, sem sombra de dúvidas, um dos principais parceiros do desenvolvimento agropecuário do Paraná. As nossas cooperativas, hoje, têm uma participação superior a 50%, não só na armazenagem, mas na movimentação da safra agrícola do Estado. Pelas cooperativas passam mais de 50% da produção agrícola. A contribuição do cooperativismo de produção é significativa para o estágio que nós temos hoje na agricultura e na pecuária do Paraná

Paraná Cooperativo – *O Fundo de Aval instituído pelo Estado tem cumprido com sua proposta e garantido o devido suporte de crédito aos pequenos produtores?*

Pessuti – O Fundo de Aval é uma ação de governo que está dando os seus primeiros passos. Nós o instituímos no dia 27 de janeiro deste ano e estamos aí com 4 meses de implantação efetiva do fundo de aval, que já está produzindo bons resultados. Temos uma demanda bastante grande de agricultores que já estão sendo atendidos pelo fundo e com um detalhe que eu reputo da maior importância: são agricultores situados nas regiões de mais baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Paraná. Nas regiões mais pobres, é onde mais estão procurando o aval garantidor da sua atividade agrícola. Então, o fundo de aval veio para dar certo, e está dando certo.

Paraná Cooperativo – *Uma das principais demandas dos agricultores diz a respeito da questão ambiental. O setor produtivo alega que as leis acabam engessando a atividade. Qual a opinião do secretário sobre essa polêmica?*

Pessuti – Nós temos que tratar a questão ambiental, sem dela dissociar os aspectos da produção agropecuária. Não podemos apenas olhar os aspectos ambientais e deixar de lado os aspectos da produção. Como também, não podemos deixar de lado os aspectos da produção em detrimento das questões ambientais. Então, eu vejo que nós temos que continuar esse trabalho de convencimento, de conscientização dos nossos produtores, para que possamos fazer o uso correto dos solos, das

águas. É preciso usar corretamente os agrotóxicos e fazer a implantação das matas ciliares para proteger os rios, vales e nascentes, fazendo tudo dentro de uma forma amplamente discutida e entendida entre as partes, produtor e setor ambiental. Outra demanda é sobre a reserva legal, que poderá ser na propriedade, no município ou dentro de uma mesma região. Mas isso precisa ser discutido sob a perspectiva de podermos explorar economicamente as nossas reservas legais, como por exemplo com

portante que possamos fazer na reserva legal um tipo de atividade, como a apicultura, por exemplo, que você pode desenvolver sem qualquer problema. Poderíamos cultivar palmito, frutas e uma série de atividades econômicas dentro da reserva legal. Lógico que deve ser um projeto devidamente estudado e analisado para que esse trabalho venha dentro de um princípio de desenvolvimento rural sustentável, no qual se possa contemplar o social, o econômico e também os aspectos ambientais.

ram a participar dos conselhos de sanidade agropecuária de cada município, de cada região, e isso determinou que tivéssemos uma situação privilegiada dentro do Brasil e no mundo, que é ter um Estado sem nenhum caso de doença, nenhuma febre aftosa nos últimos 10 anos.

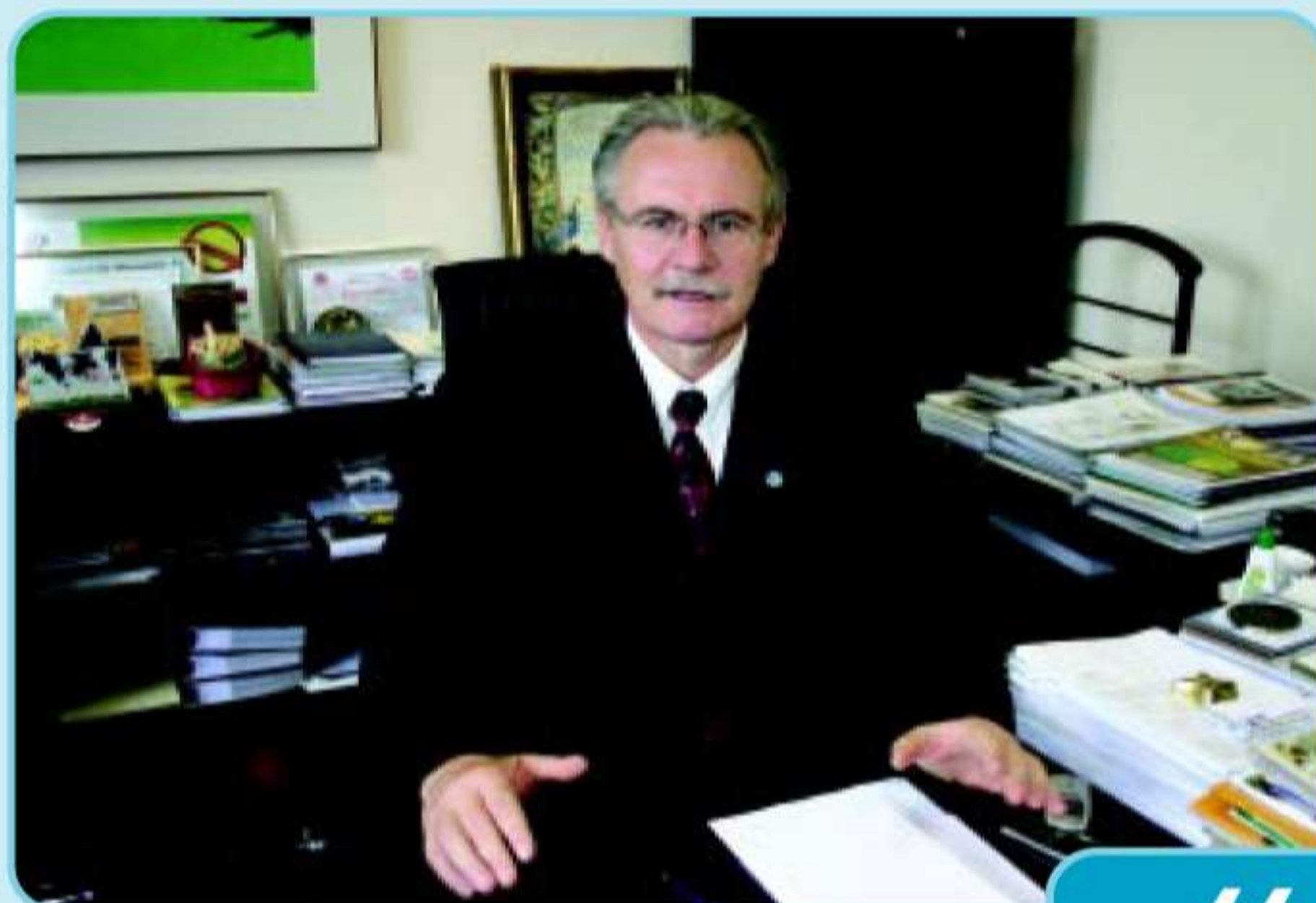
Paraná Cooperativo – *Algumas cooperativas estão formatando projetos para abates de bovinos, frigoríficos. Como o secretário avalia essa possibilidade e que tipo de benefícios isso pode trazer ao Estado, ao agronegócio e até para o consumidor?*

Pessuti – Olha, isso é um sonho que, graças a Deus, hoje nós temos a oportunidade de ver se transformar numa realidade. Nos 20 anos em que fui deputado estadual e nesses 2 anos e meio em que sou secretário da Agricultura e vice-governador, sempre lutei e insisti para que cooperativas entrassem na industrialização e na comercialização de carnes, e, principalmente, no que diz respeito a carne bovina. Mesmo porque, na avicultura e na suinocultura as cooperativas já estão presentes, bem como na questão do leite. Mas faltava a questão da carne bovina e bubalina. E essa disposição que tem a Coopavel e a Corol, em montar as alianças mercadológicas, estruturar unidades de industrialização e abate e integrar um processo de comercialização,

será, na minha opinião, a salvação do setor agropecuário representado pelos bovinos e bubalinos no Paraná. Porque, hoje, temos poucos frigoríficos no Paraná e todo o processo de industrialização da carne bovina e bubalina esta

nas mãos de poucas pessoas, situação que não tem sido boa para os produtores. A presença das cooperativas fará, certamente, com que a história da industrialização e da comercialização de bovinos no Estado mude. Por isso, eu festejo a vinda do cooperativismo para o abate e industrialização de bovinos no Paraná.

Paraná Cooperativo – *Os agricultores estão apreensivos com relação ao entendi-*



seringueira, fruticultura, eucalipto ou palmito. Enfim, que encontremos uma alternativa de utilização com finalidade econômica das nossas reservas legais.

Paraná Cooperativo – *Então o senhor acredita que a saída para muitos desses problemas ambientais está na implantação de um manejo econômico dessas áreas?*

Pessuti – Eu entendo que sim. Nós já temos em andamento um projeto sócio-ecológico das áreas do Paraná como um todo. A Secretaria do Meio Ambiente desenvolve esse zoneamento sócio-ecológico. Mas, para isso, há a necessidade de que façamos as matas ciliares e de termos a reserva legal. Porque assim dispõem as leis vigentes no nosso País. Agora, é im-

Paraná Cooperativo – *O Paraná está completando 10 anos sem febre aftosa. Isso pode ser considerada uma vitória de um trabalho de parceria entre Estado e produtores?*

Pessuti – Sem sombra de dúvidas. Só chegamos à essa condição de Paraná livre de febre aftosa graças às parcerias que fizemos. Parcerias que foram construídas a partir do Conderpa, Conesa, Fundep e com intuições como a Ocepar, Faep, Fetaep, associações de produtores, sociedades rurais e, principalmente, com nossos técnicos e produtores. A principal parceria se fez com os nossos produtores, que vie-

“
Temos que tratar a questão ambiental, sem dissociar os aspectos da produção
”

mento do governo do Estado sobre a nova Lei de Biossegurança. O Porto de Paranaguá alega não ter condições de segregar e exportar a soja. Como a secretaria está conduzindo essa questão?

Pessuti – A Secretaria de Agricultura do Paraná vai conduzir essa questão com respeito à legislação vigente em nosso País e com respeito à legislação vigente no Paraná. Nunca proibimos nenhum agricultor de plantar a soja geneticamente modificada. Sempre cumprimos a lei e quando se exigia o termo de ajuste de responsabilidade e compromisso, fomos atrás dos agricultores que não tinham assinado. Então, da nossa parte não será proibido ao agricultor plantar a soja transgênica, mas ele terá que, evidentemente, seguir uma série de normas, uma série de regras que estão estabelecidas nas leis federais e estaduais. Quanto ao Porto de Paranaguá, é evidente que aí, por uma questão administrativa, por uma questão de logística, ele não tem condições de fazer a segregação da soja transgênica e convencional. E, por isso, a decisão da autoridade portuária e, conseqüentemente, do governo do Estado é de continuar com o Porto de Paranaguá livre de soja transgênica.

Paraná Cooperativo – Em julho, começa a vigorar a Instrução Normativa 51, que trata da qualidade do leite. Os produtores de leite já estão preparados para as mudanças?

Pessuti – A Instrução Normativa foi colocada em consulta pública para depois ser implantada. Mas temos feito um trabalho muito grande em favor de que todos possam cumprir essa instrução, no que diz respeito à coleta e armazenagem do leite antes de ser pasteurizado ou industrializado. A extensão rural, a Emater e a Seab têm trabalhado muito em cima disso. Através do programa leite das crianças temos apoiado produtores com a distribuição de resfriadores de leite, sejam individuais ou

coletivos. Neste ano, também estaremos distribuindo uma grande quantidade de resfriadores. Sabemos que nem todos ainda estão estruturados e, neste mês de junho, juntamente com o Ministério da Agricultura, vamos estar realizando algumas reuniões para discutir, avaliar e organizar mais ainda a implantação da Instrução Normativa 51.

Paraná Cooperativo – O governo diz que é inegociável a autarquização da Emater. Algumas entidades se posicionam con-

tra, a questão da empresa e da autarquia é de caráter administrativo. A autarquização, neste instante, é mais uma questão de sentar e esclarecer corretamente as pessoas. E digo que a forma como o processo foi conduzido até agora não agradou a ninguém, nem mesmo ao governador Requião. E, se não agrada a ninguém, cabe a nós abrirmos a discussão, encontrarmos juntos qual é a melhor solução para a extensão rural.

Paraná Cooperativo – O próximo ano é



“
Eu festejo a vinda do cooperativismo para o abate e industrialização de bovinos no Paraná
”

tra. Como o governo está tratando e deve encaminhar essa discussão?

Pessuti – Eu vejo que, acima da empresa pública, acima da

autarquia devem estar sempre três fatores que compõem a pirâmide e que fazem com que tudo isso dê certo. A primeira delas, no vértice dessa pirâmide, é a extensão rural. E na base dessa pirâmide, os funcionários, trabalhadores da Emater, e os produtores rurais que são o objeto principal desse processo da extensão rural. Então, acima de ser uma empresa, uma autarquia, temos que pensar nesses três aspectos. Inatingível é intocável, a extensão rural é prioridade absoluta no governo Requião e Pessuti. Ago-

ano de eleições. Qual o futuro político do vice-governador?

Pessuti – Pelo o que temos conversado com os prefeitos, deputados estaduais, federais, com o nosso partido, com o governador Roberto Requião e com as instituições e segmentos institucionais do Paraná, existe uma manifestação de vontade muito grande para que eu dispute a eleição como candidato ao Senado Federal. Se prevalecer esta vontade, que o Pessuti seja candidato. Eu digo que tenho a maior das vontades de poder ser um senador da República. A prevalecer essa vontade, do conjunto partidário que nos apóia e das instituições, eu irei para a disputa com toda a tranqüilidade, buscando vencer as eleições e representar com muito trabalho o Estado do Paraná em Brasília. ■

Ministro

apóia o Paraná Cooperativo 2010

Paulo Bernardo discute com dirigentes cooperativistas a crise e o futuro do agronegócio

As dificuldades enfrentadas pelo setor do agronegócio motivaram um debate entre lideranças cooperativistas paranaenses e o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Paulo Bernardo. No dia 16 de maio, durante o Fórum dos Presidentes das Cooperativas Agropecuárias do Paraná, realizado em Curitiba, o representante do governo federal discutiu com os dirigentes do sistema uma pauta de reivindicações sobre problemas como o alongamento das dívidas, os prejuízos da estiagem, o mercado internacional e outros relacionados a questões ambientais e de sanidade.

Entre os temas emergenciais apresentados ao ministro, está a questão da liberação de crédito para prorrogação das dívidas agrícolas. A alegação é que o setor, que já vinha sendo prejudicado por uma conjuntura econômica internacional, sofre agora mais um revés, com a estiagem que ainda castiga os estados do Sul do País. O presidente da Ocepar também pediu ao ministro empenho e articulação através do Ministério do Planejamento para o encaminhamento de questões como a suplementação orçamentária para o setor agrícola e solução do impasse sobre a destinação dos antigos barracões do Instituto Brasileiro do Café (IBC), assunto que interessa diretamente às cooperativas.

João Paulo Koslovski, presidente da Ocepar, lembrou de um desafio lançado durante a homenagem ao ministro, rea-

lizada em abril pelo Movimento Pró-Paraná. Naquela ocasião, Paulo Bernardo havia solicitado que as lideranças empresariais e do agronegócio apresentassem uma agenda de trabalho para ser discutida com seu ministério. “Nós estamos nos antecipando e hoje aqui iniciamos a construção dessas discussões, que terão outros desdobramentos futuros, na certeza de estarmos, ao mesmo tempo, resolvendo alguns problemas imediatos, como também auxiliando na prospecção de investimentos necessários para a melhoria da nossa infra-estrutura”, destacou Koslovski.

Depois de ouvir os dirigentes, o ministro Paulo Bernardo assumiu alguns compromissos e sugeriu a formação de um grupo de trabalho para discutir e encaminhar aquelas reivindicações possíveis de serem atendidas, mas que não podem ser resolvidas de imediato. Já sobre os barracões do IBC, Paulo Bernardo garantiu aos dirigentes cooperativistas que teria uma solução para este tema, no máximo, em 45 dias, a vencer no final de junho. “Esse prazo não é para darmos uma resposta, mas para resolvermos uma questão que se arrasta há muito tempo”, afirmou o ministro.

O investimento na estruturação do trabalho de defesa sanitária foi outra demanda apresentada ao ministro. Paulo Bernardo destacou que, dos R\$ 100 milhões solicitados pelo Ministério da Agricultura para aplicação nessa área, apenas R\$ 40 milhões haviam sido liberados, mas que mais R\$ 30 milhões já esta-



Fotos: Imprensa Ocepar



Onofre Cezário de Souza Filho, da OCB-MT (segundo



Paulo Bernardo assumiu compromissos e sugeriu a formação de um grupo de trabalho



da esquerda para a direita) e dirigentes do Paraná

vam sendo empenhados, totalizando R\$ 70 milhões. “Estamos trabalhando para que este setor vital, que é a defesa sanitária, consiga a totalidade dos recursos necessários”.

Paraná Cooperativo 2010 – Os dirigentes também solicitaram ao ministro apoio na implementação do Plano Paraná Cooperativo 2010, um planejamento das cooperativas que prevê investimentos de R\$ 3,5 bilhões nos próximos cinco anos. Os projetos são nas áreas de armazenagem e recebimento (R\$ 1,54 bilhão); indústria (R\$ 1,74 bilhão) e programas sociais e ambientais (R\$ 200 milhões). Parte desse capital, aproximadamente R\$ 765 milhões, são investimentos já em andamento e que devem ser concretizados até o final deste ano.

Os setores focados pelo Paraná Cooperativo 2010 são estratégicos e buscam melhorar as condições de infraestrutura do setor primário e incrementar a competitividade agroindustrial das cooperativas, visando o aumento das ex-

portações e a modernização dos sistemas produtivos e de comercialização. Também é uma maneira de agregar valor, gerar emprego e aumentar a renda dos produtores. A expectativa é gerar 20 mil novos empregos.

A avaliação feita por Paulo Bernardo sobre o Paraná Cooperativo 2010 é que trata-se de um programa viável e que pode ser viabilizado com o apoio do governo federal, em especial no tocante a liberação de recursos. Os dirigentes discutiram com o ministro a importância desse trabalho não só para as cooperativas, mas para a economia do Estado de um modo geral, com novas oportunidades de negócios no mercado interno, e também no exterior a partir da agroindustrialização.

Mato Grosso – Entre as 54 lideranças cooperativistas presentes no Fórum de Presidentes, estava o presidente da Organização das Cooperativas do Mato Grosso (OCB-MT), Onofre Cezário de Souza Filho. O dirigente veio ao Paraná com o objetivo de conhecer a sistemática de reunir presidentes de cooperativas agropecuárias, nos chamados Fóruns de Presidentes, para discutir os principais assuntos de interesse. Onofre disse que ficou surpreso com a agenda apresentada, na qual o primeiro palestrante do dia foi um ministro. “Sabemos que a Ocepar tem um bom relacionamento com o meio político e também com as lideranças das cooperativas do Estado, prova disso é o número expressivo de lideranças aqui presentes.”

Cezário explicou que participava do fórum mais como um observador, “para depois discutirmos, lá no Mato Grosso, de que forma podemos realizar eventos semelhantes a estes onde, democraticamente, todos podem participar, dar suas sugestões e ainda ter a oportunidade de assistir a palestras sobre os mais diferentes temas.” O estado do Mato Grosso conta com 200 cooperativas filiadas, entre as quais 60 do ramo agropecuário. O evento também contou com a presença do deputado estadual Augustinho Zucchi, que aproveitou a oportunidade para falar com alguns presidentes de cooperativas sobre diversos temas, entre os quais o meio ambiente.

Rumos da economia brasileira e mundial



Paulo Nogueira: atual equipe econômica está levando “sorte”

O Fórum dos Presidentes contou ainda com a participação do consultor da Fundação Getúlio Vargas e ex-membro da equipe econômica do ministro Dilson Funaro (governo Sarney), Paulo Nogueira Batista Júnior. Ele fez uma análise detalhada sobre a economia brasileira e mundial. Durante duas horas, o economista falou sobre as expectativas em relação à política econômica adotada pelo atual governo e as perspectivas para 2005.

A avaliação de Paulo Nogueira é que o atual governo demonstra mais eficiência que o governo anterior (FHC) na condução da política econômica, principalmente com relação a política externa. Para ele, a receita que

está sendo usada é a mesma que foi aplicada no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, e disse ter preocupação aonde a atual política de juros e de câmbio irá levar o País. “Tenho convicção de que o principal erro de FHC foi a sobrevalorização da política cambial. Me preocupa se não estamos cometendo os mesmos erros, os quais deverão refletir lá na frente. Erros esses que podem até comprometer a reeleição do presidente Lula”, ressaltou.

Segundo Paulo Nogueira, a atual equipe econômica está levando “sorte”, pois o cenário mundial nestes 4,5 meses é favorável, mesmo assim, continuamos praticando uma taxa de juro anormal, que

nenhum outro país do mundo possui. Segundo levantamentos apresentados, Nogueira diz que nossa taxa de juros reais é de mais ou menos 13%, enquanto em muitos países a média está em torno de 1%.

Outro desafio apresentado pelo especialista é com relação à distribuição de renda, ele afirma que, “surpreendentemente, um governo dito de esquerda está fazendo com que a concentração de renda aumente ainda mais, pois vemos a aplicação de uma política concentradora, ao contrário daquilo que se imaginaria para um governo petista. O lucro, hoje, com estes juros são dos bancos, das seguradoras e dos fundos de pensão, uma política de juros fora da linha”.

Copacol

Cooperativa Agroindustrial Consolata

Sistema de Gestão da Qualidade



☎ 45 241-8080

www.copacol.com.br

copacol@copacol.com.br



Agroindústria e diversificação

Cooperado diversifica propriedade e
acompanha investimento agroindustrial

Como viabilizar projetos agroindustriais, aumentar a renda do produtor e viabilizar a pequena propriedade? Diante de um cenário de incertezas, que surgiu com o processo de abertura da economia, juros altos e frustração de safras, no início da década de 90, esse era um questionamento comum no campo. Essas dificuldades, e por consequência os desafios, também atingiram muitas cooperativas que, num mercado cada vez mais competitivo, foram obrigadas a se reorganizar e definir novos focos de atuação.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com a Cooperativa Lar, que tem sede em Medianeira e atua em outros 11 municípios da Região Oeste do Paraná e também no Mato Grosso do Sul. Na época, o produtor perdia renda em sua propriedade e engrossava o êxodo rural em busca de trabalho na cidade. A Lar então apostou num planejamento estratégico e, entre 1991 a 1993, fez uma análise de mercado e do potencial da região e decidiu investir em projetos que pudessem, de maneira simultânea, garantir o processo agroindustrial e viabilizar economicamente o produtor.

Desde então, a meta é diversificar e agregar valor, não somente à produção industrial, mas também à pequena propriedade do cooperado. Esta aí, aliás, segundo Irineo da Costa Rodrigues, presidente da cooperativa, um dos principais indicadores que validam a estratégia adotada pela Lar, que diversificou suas unidades industriais ao mesmo tempo em que fomentou a diversificação da produção agrícola e pecuária junto ao pequeno produtor rural.

Em áreas relativamente pequenas, o cooperado da Lar, que produzia somente grãos, hoje tem a oportunidade de desenvolver outras atividades, como cultivar vegetais, produzir leite, frango ou suínos. É o caso de Vitor Alfonso Heck, que consegue uma verdadeira proeza em sua propriedade, no município de Santa Helena. Em apenas 23 hectares, ele produz grãos, leite, ovos, suínos, peixe e gado de corte. Ele também é o reflexo da classificação fundiária da Lar, onde mais de 70% dos 7,7 mil produtores têm até 30 hectares.

“Hoje, mais de 10 anos depois, o setor



Fotos: Imprensa Oepear

Vitor Alfonso Heck: em 23 hectares produz grãos, leite, ovos, suínos, peixe e gado de corte

agroindustrial evoluiu, o cooperado diversificou sua propriedade e o desafio agora é agregar valor”, disse Irineo Rodrigues. Ele resalta que os problemas de crédito agrícola, quebra de safras, enfim, do custo de produção, ainda persistem. Mas o fato é que, nesses últimos anos, produtor e indústria passaram a viver uma nova realidade: “o cooperado diversifica sua propriedade e acompanha o investimento industrial da cooperativa”.

A receita da Lar, explica Irineo, é o investimento no potencial do pequeno produtor, que tem na cooperativa um parceiro para escoar, industrializar e comercializar sua produção, seja ela do tamanho que for. “O cooperado en-

tendeu que ele tinha de ser melhor com os grãos, e também precisava de outras alternativas de renda, que encontrou diversificando com a cooperativa, com a opção de oferecer matéria-prima

para as indústrias de mandioca, vegetais ou frangos.”

Com uma produção diversificada, o produtor consegue obter renda o ano inteiro e fica menos suscetível às adversidades climáticas. A estiagem, que na última safra casti-

gou os estados do Sul, por exemplo, também teve reflexo na região de atuação da Lar. “Mas a propriedade diversificada ajudou a reduzir o impacto financeiro negativo provocado pela seca”, explica Irineo.

“**O cooperado diversificou sua propriedade e o desafio agora é agregar valor**”

Emprego, renda e qualidade de vida

Passados 12 anos, a Lar avalia os resultados e desenvolve agora uma nova agenda para 2005 e 2006, com o objetivo de aperfeiçoar o planejamento anteriormente definido e que teria sido implantado em sua totalidade. Um exemplo é o investimento na Unidade Produtora de Leitões (UPL), inaugurada em 1993 e que este ano teve sua capacidade ampliada de 2.500 para 5.800 matrizes.

O número de funcionários e o faturamento também são indicadores que revelam o desempenho da cooperativa, que, em 1995, deixou de ser simplesmente agropecuária para assumir um perfil agroindustrial, de transformação da matéria-prima. Há 10 anos, eram pouco mais de 600 e hoje são aproximadamente 4 mil colaboradores. Nesse período, o faturamento cresceu 10 vezes, pas-

sando de R\$ 100 milhões para uma previsão superior a R\$ 1 bilhão em 2005.

E esses indicadores podem ser medidos não só no âmbito da cooperativa, mas também na vida do cooperado. O produtor Moisés Piletti, de Medianeira, ampliou sua produção de leite de 200 litros/dia para 1.400 litros/dia, em média. Associado desde 1986, Piletti possui 30 hectares próprios e mais 23 hectares arrendados, onde mantém o gado e produz grãos. Destacando que a cooperativa mudou o perfil do produtor, ele explica que com a Lar também está produzindo grãos em Iguatemi, Mato Grosso do Sul. “O resultado é o produtor mais capitalizado e com melhor qualidade de vida”, afirma Piletti.

O repasse de informações, técnicas e de mercado, os cursos e treinamentos fazem parte da política de fomento da coo-



Moisés Piletti: de 200 para 1.400 litros de leite/dia

perativa, que tem como objetivo inserir o produtor no contexto de sua atividade. Adotando um raciocínio lógico, na sequência, esse cooperado, através da Lar, tem acesso aos recursos financeiros, materiais e insumos necessários para produzir. Encerrando a cadeia, a cooperativa industrializa e comercializa essa produ-

Segurança de entrega e mercado

Com 17,5 hectares, no município de Santa Helena, o produtor Igor Ubiratã produzia verduras e vegetais e entregava na Ceasa em Foz do Iguaçu. Contudo, além da despesa com o transporte, muitas vezes sua carga era recusada e ele voltava para casa com prejuízo certo. Essa incerteza, de produzir e não saber se teria para quem vender, acompanhou a família de Ubiratã por vários anos.

“A salvação da lavoura”, de acordo com o cooperado, foi a indústria de vegetais da Lar. “Agora temos garantia de venda e preço”, disse Ubiratã que, estimulado pela nova opção aumentou e diversificou sua

produção. Hoje, cultiva brócolis, cenoura e milho doce, além de frango. “No ano passado, 2,7 hectares de brócolis renderam aproximadamente R\$ 12 mil”, comemora o produtor.

O entusiasmo de Ubiratã é o mesmo do produtor Vitor Alfonso Heck, que diversifica e investe em sua propriedade conforme “a demanda gerada pela cooperativa”. A ampliação da produção de leitões, de 220 para 500, mostra a capacidade de investimento adquirida pelo cooperado nos últimos 10 anos, graças, segundo ele, à diversificação.

Além de grãos, peixe e gado de corte, Alfonso Heck ainda produz, em média, 12 mil dúzias de ovos por mês.





ção e, no balanço final, o produtor ainda participa do resultado.

Nesse aspecto, Irineo Rodrigues esclarece que o pequeno produtor vê na cooperativa um parceiro estratégico, até mesmo por questão de sobrevivência. “Ele precisa mais e a necessidade faz o pequeno se somar à cooperativa.”



Investimento na família do cooperado



Família do cooperado cada vez mais integrada à cooperativa

“Se não fossem esses cursos, ainda estaria tirando leite.” A frase, de Ana Clara Piletti, esposa de Moisés Piletti, revela um outro lado da cooperativa, que não aquele medido em números, resultados e faturamento. A Lar investe na família do cooperado, que está cada vez mais integrada à cooperativa e à sociedade.

Ana Clara participa de cursos e treinamentos proporcionados pela cooperativa há 12 anos. Depois de freqüentar aulas de auto-estima, motivação, oratória e empreendedorismo rural, ela se transformou no braço direito do marido e, hoje, atua diretamente na administração da propriedade.

Todos esses cursos, explica Ana Clara, fazem parte de uma política de formação de lideranças por parte da cooperativa. “O conhecimento adquirido nos permite participar mais ativamente não somente da gestão da

Lar, mas também de outras instituições sociais da comunidade, como de associações de pais e mestres e também comunitárias.”

Moisés Piletti vai ainda mais longe na sua avaliação, justificando que sua atual situação financeira e de produtor rural deve-se ao investimento da cooperativa não somente na atividade, mas também na família do produtor rural.

“Estamos mais bem informados”, disse Piletti, destacando que o resultado é um produtor com melhor qualidade de vida e mais capitalizado. Moisés Piletti já atuou por quatro vezes como conselheiro fiscal e, hoje, participa do conselho de administração da cooperativa.

O exemplo da família Piletti, considerado um diferencial da Lar, começa a deixar de ser exceção e a se tornar uma realidade comum dentro da cooperativa.

Aposta no frango e vegetais

Uma das principais apostas da Cooperativa Lar, dentro da proposta de viabilizar a pequena propriedade, foi nos segmentos de aves e de vegetais. Em 1999 surgia a Unidade Industrial de Aves (UIA) e a Unidade Industrial de Vegetais (UIV). Atendendo à demanda e explorando nichos de mercado, em 2003, também foram inauguradas as unidades de enlatados e industrializados de frango, cuja matéria-prima é fornecida pela UIA e UIV, respectivamente.

No caso da unidade de industrializados, a produção de corte de frangos cozidos, assados e grelhados tem como destino o Exterior. O alimento cozido garante maior sanidade e segurança alimentar, facilitando o processo de exportação. Os clientes estão principalmente em países da Europa.

Em relação aos vegetais, parte da linha de enlatados (milho, ervilha e feijão) e empacotados (arroz e feijão) é exportada para o mercado angolano, numa parceria da Lar com outra empresa. Mas o principal mercado dos enlatados (em volume) são os estados do Paraná, 35%; Santa Catarina, 30%; São Paulo, 15%; Rio de Janeiro, 5%; Espírito Santo, 5%; Minas Gerais, 5%; demais regiões, 5%.

Já quanto aos vegetais congelados, os



Irineo da Costa Rodrigues

consumidores estão em São Paulo, 30%; Rio de Janeiro, 25%; Minas Gerais, 15%; Santa Catarina, 10%; Espírito Santo, 10%; Paraná, 5%; e Nordeste, 5%.

O frango e os vegetais ainda compõem a linha de varejo da cooperativa, que tem mais de 100 itens e chega às gôndolas dos 13 supermercados próprios e também nas grandes redes varejistas. Atualmente, cerca de 10% do faturamento vêm de atividades que têm como foco o varejo, e 26% das exportações.

Operando a cadeia completa em boa

parte dos produtos que são processados, a Lar industrializa mais de 60% de toda a produção recebida. Um dos diferenciais é agregar valor não somente às tradicionais *commodities*, como a soja por exemplo, mas aos produtos que, in natura, possuem baixo preço, como os vegetais. No caso da soja, o processo de industrialização da Lar teve início na década de 80, com a aquisição de uma indústria de óleo.

Localizada numa região distante do mercado consumidor, a Lar não teve outra alternativa, senão a de agregar valor à produção primária. Financeiramente, tornava-se inviável transportar produtos de baixo valor agregado. Por isso, também a opção pelo investimento na agroindústria, com a possibilidade de transportar um produto mais nobre e com maior valor de mercado.

Assim, a cooperativa está conseguindo chegar aos principais estados consumidores do Brasil e também ao Exterior, explorando nichos de mercado em 28 países, de praticamente todos os continentes. Essa, aliás, é outra estratégia que, por questão de segurança, consiste em diluir e não concentrar o comércio em um único país ou continente.





O Estado com a maior produção agrícola do Brasil também é o mais cooperativista do país

Hoje a produção agrícola do Paraná é de mais de 38 milhões de toneladas ao ano. Desse total, mais de 50% é fruto do trabalho do sistema cooperativista paranaense, que leva desenvolvimento econômico e social para milhares de produtores. A Integrada é uma das maiores cooperativas do Paraná e tem orgulho de, há 10 anos, fazer parte da evolução agrícola do Estado, contribuindo para o fortalecimento do cooperativismo paranaense.



Atuação em 40 municípios do Estado
Matriz - Londrina

A educação

O dinamismo do mercado obrigou as cooperativas a repensarem a sua gestão

gerando resultados



Presidente da Unimed Londrina, Carlos Augusto Marques da Costa Branco, na abertura do Suespar

Foi um encontro memorável. Esse pode ser um comentário generalizado entre os mais de 600 médicos cooperados, representantes de comitês educativos, executivos e dirigentes do sistema Unimed que compareceram ao 18º Encontro de Comitês Educativos e ao 13º Simpósio das Unimed do Estado do Paraná (Suespar), que ocorreram de 26 a 28 de maio, em Londrina (PR). As presenças de autoridades como o senador Álvaro Dias,

o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, os deputados federais Alex Canziani e Luiz Carlos Hauly, além do secretário estadual do Meio Ambiente, Luiz Eduardo Cheida, demonstraram a importância do evento realizado anualmente.

Para mostrar aos associados todas as possibilidades de crescimento do sistema cooperativista, os organizadores do encontro trouxeram palestrantes de renome, como o economista Ibrahin João Elias, representante no Brasil do grupo cooperati-

vo espanhol Mondragon; a conferencista Marisa Éboli; o ex-preparador físico do piloto Ayrton Senna, Nuno Cobra; e o consultor em administração de serviços de saúde, Alberto Kanamura, que ocupou vários cargos no setor público paulista. “A qualificação é uma exigência crescente em nosso mercado e, em decorrência dela, a marca Unimed conquistou a liderança absoluta no setor de saúde suplementar, liderança essa que apenas será mantida com a profissionalização de nossos quadros”, salientou o

presidente da Unimed do Brasil, Celso Corrêa Barros, em seu discurso durante a cerimônia de abertura.

Para o presidente da Unimed Londrina, Carlos Augusto Marques da Costa Branco, o dinamismo do mercado obrigou as cooperativas a repensarem a sua gestão, de forma que o investimento em educação corporativa e cooperativa ganhou uma nova dimensão em nossas instituições. “Como diz Paulo Freire, um dos maiores educadores do nosso século: educar não é a mera transferência de conhecimento, mas sim a conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia”, salientou Costa Branco.

A apresentação do caso Cooperativa Mondragon – um modelo gerador de riqueza – pelo representante no Brasil, o economista Ibrahin João Elias, foi um dos destaques do 13º Suespar. O grupo cooperativo espanhol tem 42 mil cooperados que atuam na área industrial. “Nossa preocupação não é criar milionários, mas gerar riqueza para criar empregos”, afirmou o economista. Segundo Ibrahin, as experiências brasileiras não se assemelham ao conceito de cooperativa de Mondragon. “O grosso das cooperativas agrícolas brasileiras são centrais de prestação de serviço. Para seguir o nosso conceito, as fazendas teriam de pertencer a todos os cooperados. A mentalidade brasileira é muita de CLT (Consolidação das Leis Trabalhista). O nosso cooperado precisa saber que há algo diferente do que se pratica aqui”, salientou o representante da cooperativa espanhola.

A educação que forma, conscientiza e profissionaliza as pessoas foi tema da palestra da professora Marisa Éboli. “A sobrevivência empresarial depende da educação”, afirmou a professora, que falou sobre Educação Corporativa. Segundo Marisa, a empresa que não investe na educação de seu pessoal está fadada ao insucesso. “As empresas devem adotar soluções de aprendizagem, como ensino à distância, palestras, encontros com lideranças e até estágios no exterior”, ressalta a professora, explicando que a educação corporativa é um sistema de formação, capacitação e desenvolvimento de pessoas pautado pelo conceito de competências. A



Nuno Cobra, ex-preparador físico do piloto Ayrton Senna, foi um dos conferencistas

diferença em relação aos tradicionais “centros de treinamentos”, esclarece Marisa, é que esse tipo de educação não está focado nas carências individuais de cada cargo, mas nas estratégias da empresa para se diferenciar no mercado.

Já o médico, ex-superintendente do Hospital das Clínicas/SP e consultor em administração de serviços de saúde, Alberto Hideki Kanamura, falou sobre cus-



Presidente da Unimed do Brasil, Celso Corrêa Barros

tos em saúde. Aos participantes, em artigo publicado na véspera do encontro, considerou: “uma Unimed é uma fração do sistema de saúde do País, e como tal deve se preocupar com os gastos em saúde que, em última análise, afeta toda a sociedade. Que impacto tem os casos mais caros no custo global? Qual é o perfil de idade e sexo dos que gastam mais? Que doenças custam mais? Essas são as perguntas que os médicos cooperados precisam começar a fazer para que o sistema de saúde seja sustentável a longo prazo”. Lembrou que é preciso compreender as variáveis que influenciam os custos, e procurar racionalmente controlar esse fenômeno é uma decisão que se impõe, em especial, a nações emergentes, ainda pobres, mas com bolsões de riqueza, e cujas populações envelhecem mais rapidamente do que era de se esperar, como o Brasil.

O professor Nuno Cobra, ex-preparador físico do piloto Ayrton Senna, falou sobre o método que adota e que virou o livro “A semente da vitória”, onde busca mostrar a importância de unir mente e corpo. Todas as palestras serviram como reflexão para questões que se impõem no dia-a-dia de uma cooperativa de trabalho e, ao mesmo tempo, uma operadora de planos de saúde. ■

Unicred Norte é a 1ª do ranking no Brasil

Atuando na região Norte, a Unicredi se mantém como a melhor cooperativa de crédito Unicred do Brasil

Desde 2001, a cooperativa de crédito Unicred Norte do Paraná se mantém em 1º lugar no ranking do sistema Unicred Brasil. “A gente entende que a razão do sucesso é por termos constituído uma cooperativa singular regional, presente em 13 cidades. Conseguimos com isso um ganho em escala com diminuição de custo administrativo. Já somos perto de 5 mil cooperados. Essa configuração está dando retorno significativo aos associados”, explica o presidente da cooperativa, Álvaro Jabur, que também integra o Conselho Especializado de Crédito da Ocepar. O resultado da cooperativa, que é a primeira entre as 130 Unicred’s do Brasil nos quesitos tamanho, eficiência, evolução e volume total de recursos, transparece no resultado anual: R\$ 7,74 milhões, valor integralmente distribuído entre os integrantes, por decisão de assembléia.

Alguns poderiam sugerir que parte das sobras fosse capitalizada. Mas a cooperativa também é eficiente nesse item, cujo Patrimônio Líquido Ajustado (PLA) cresceu 42% no último ano. E nos cinco primeiros meses deste ano, o patrimônio já cresceu R\$ 3 milhões, totalizando R\$ 37 milhões, podendo chegar a R\$ 40 milhões até dezembro. A estrutura enxuta e a prestação de serviços adequados estão deixando o associado satisfeito. Assim, eles fazem o marketing da cooperativa, atraindo cerca de 80 profissionais da área da saúde por mês. Em 2004, os depósitos a prazo cresceram 29,3%, fechando em R\$ 69,65 milhões. E, neste ano, o crescimento está



Assessoria Unicred

Cooperativa já conta com mais de 5 mil cooperados

sendo superior ao estimado, o que permite manter o 1º lugar no ranking nacional. Só as sobras já cresceram cerca de 45% em relação ao ano anterior.

A cooperativa tem sede em Londrina e postos de atendimento em doze cidades: Rolândia, Maringá, Apucarana, Arapongas, Jacarezinho, Cornélio Procopio, Umuarama, Cianorte, Campo Mourão, Paranavaí, Santo Antônio da Platina e Ivaiporã. Atuando para “prestar assessoria e apoio financeiro e empresarial aos seus cooperados, propiciando-lhes condições de melhoria em suas atividades e em seus ganhos financeiros”, a Unicred Norte do Paraná oferece os principais produtos e serviços demandados pelos seus integrantes, como cartão de crédito, débito em conta, empréstimos, financiamento de equipa-

mentos, veículos e imobiliário, aplicações financeiras, entre outros. A cooperativa não cobra taxas de serviços como cartão, talão de cheque, extratos e outros. E as taxas de juros também são competitivas.

A distribuição das sobras, com pagamento dos juros sobre o capital, considerado “um feito inédito no Sistema Unicred em todo o Brasil, é mais uma demonstração de solidez e transparência da Unicred Norte do Paraná. Tudo isso é resultado dos valores que a cooperativa acredita, descritos em sua missão e visão”, como afirma relatório da diretoria. No Paraná, a cooperativa está entre as cinco maiores de todos os sistemas de cooperativismo de crédito. E o sistema Unicred, que fechou o ano com R\$ 175 milhões em recursos administrados, é o segundo maior sistema de crédito cooperativo do Paraná. ■



o ABC do campo ensina grandes lições.

meta



Treinamento de Funcionários

O constante desenvolvimento técnico, educacional e social dos cooperados e funcionários é uma das iniciativas da Coamo para gerar crescimento e riqueza.

Na Coamo, a educação e a formação da família cooperativista são fatores fundamentais para que o homem do campo e seus familiares ganhem mais qualidade de vida e satisfação no dia-a-dia.

Com isso, mais de 60.000 pessoas, anualmente, têm a oportunidade de trocar experiências e aprendizado nos cerca de 1.600 eventos realizados pela cooperativa.

Assim, mais de 100.000 pessoas entre cooperados, funcionários e familiares multiplicam resultados, com união, trabalho e a confiança em um futuro melhor.



Jovens Líderes Cooperativistas



Cooperados - Sucesso em família



Difusão de Tecnologias aos Cooperados

COAMO
AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA
Forte como o homem do campo.

O campo parou em Londrina

Cerca de 12 mil produtores rurais deixaram de lado suas atividades no dia 31 de maio, para participar de uma manifestação na cidade de Londrina

O objetivo principal era alertar a opinião pública e governo sobre a situação vivida no campo frente à crise provocada pela estiagem, e pelos preços baixos dos produtos agrícolas no mercado internacional e pela sobrevalorização do real frente ao dólar. Esta mobilização foi organizada pela Faep, Ocepar, Sociedade Rural do Paraná, sindicatos e cooperativas. As lideranças presentes defenderam através da “Carta do Paraná” a obtenção urgente de novos recursos do Governo Federal para que as dívidas junto a fornecedores de insumos possam ser refinanciadas pelos agricultores. “Se esses recursos não forem colocados à disposição da agropecuária, os produtores ficarão inadimplentes e não terão condições de plantar a próxima safra com o nível tecnológico necessário”, alerta o texto da carta que publicamos na próxima página.

O presidente da Faep, Ágide Menequette, apelou para a necessidade do governo atender às reivindicações dos produtores por uma “questão de sobrevivência do campo”. Ele diz estarem os agricultores indignados porque, embora chamados de “salvadores da pátria”, são obrigados a comercializar a safra com o dólar a menos de R\$ 2,40. Plantaram – compraram insumos – com a moeda americana cotada em R\$ 3,10. “Ninguém consegue cobrir nem os custos”, diz. Ele acredita que, nas atuais circunstâncias, a própria política econômica oficial desestrutura os setores produtivos, empurrando-os para a insolvência



Assessoria Integrada

Concentração reuniu produtores de diversas regiões do Estado

e facilitando a importação de alimentos.

Para João Paulo Koslovski, presidente da Ocepar, pelo menos R\$ 12 bilhões deixam, neste momento, de circular na economia paranaense por conta dos fatores combinados da crise na agricultura. Neste ano, os custos de produção subiram 25% em média, houve queda nos preços dos principais produtos agrícola entre 25 e 37%. Somente por conta da supervalorização do real, o produtor perde R\$ 0,70 por dólar obtido na exportação, comparativamente a maio do ano passado. Por isso que apenas 30% da safra de soja encontra-se comercializada. Como reflexo, o país deixará de faturar na exportação de soja e milho, neste segundo semestre, cerca de R\$ 11 bilhões. Culpa da política

cambial desestimulante. O presidente da Sociedade Rural do Paraná, Edson Neme Ruiz, afirma que o setor vive uma crise muito séria e que preocupa a todos. “Precisamos criar instrumentos para que o produtor possa pagar suas dívidas e também plantar a próxima safra, que já deve estar comprometida pela demora de uma resposta imediata do governo. Os produtores não querem o calote, eles querem apenas condições e tempo para poder honrar suas dívidas e poder continuar na atividade”, disse Ruiz. Participaram também do evento o senador Osmar Dias, o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Hermas Brandão, o deputado federal Abelardo Lupion e o deputado estadual, Luiz Nishimori.

Mobilização do campo pela produção e pelo emprego

Representantes do Setor Produtivo Rural do Paraná, reunidos em Londrina, no dia 31 de maio, querem o apoio da sociedade e do Governo para continuarem produzindo e gerando empregos e riquezas. Os produtores rurais do Estado estão enfrentando uma grave crise. Plantaram sua safra a um dólar de R\$ 3,10 com um custo de produção 25,5% maior. Ao colher, os preços internacionais havia despencaado e o dólar baixado para menos de R\$ 2,50 e ainda caindo. Para culminar, uma das maiores secas já registradas no Estado roubou pelo menos 20% da colheita.

Esse quadro indica grandes prejuízos para os agropecuaristas e um problema sério de inadimplência junto a fornecedores de insumos, fora o que foi perdido com a aplicação de recursos próprios. Os financiamentos oficiais estão sendo alongados – não como seria desejável e necessário, mas pelo menos ajudam a desafogar em parte a situação.

Contudo, há anos o crédito rural oficial é insuficiente, com limitações por tomador. Desta forma, produtores rurais são obrigados a recorrer a financiamento junto aos fornecedores de insumos e cooperativas a juros de mercado. Com a quebra de safra e a queda de preços, os produtores não têm como saldar esses débitos e estão sendo pressionados.

Assim, é preciso mais. Neste momento, a saída é a obtenção urgente de novos recursos do Governo Federal para que esses débitos junto a fornecedores de insumos possam ser refinanciados. Se esses recursos não forem colocados à disposição da agropecuária, os produtores ficarão inadimplentes e não terão condições de plantar a próxima safra com o nível tecnológico necessário. Os fornecedores de insumos, por sua vez, não terão condições de financiar a sua parte, complementando o escasso crédito rural.

Como se vê, desenha-se não apenas uma crise passageira, mas um problema de longo prazo que vai afetar – como já está – não apenas os produtores rurais, mas toda a sociedade brasileira, principalmente, a do interior, pelo desemprego no campo e nas cidades.

Já que é o campo o responsável pelo grande sucesso do agronegócio, que gera divisas e saldos líquidos gigantescos na balança comercial externa, que gera empregos e a riqueza do interior do País, os produtores rurais querem o pronto atendimento a essa demanda justa por uma linha de crédito que venha a evitar um colapso da agropecuária do Paraná. Os produtores rurais querem continuar produzindo e criando empregos no campo e na cidade.

O Governo Federal sensibilizado com a situação, tomou algumas medidas de apoio ao setor, porém ainda insuficientes para resolver a situação no campo.

Considerando que o Paraná já está sentindo os reflexos negativos dessa situação, os agricultores presentes a este Ato Público, solicitam apoio do Governo Federal, para a efetiva e urgente implementação das propostas apresentadas a seguir:

Propostas:

- Liberar recursos para prorrogação dos financiamentos obtidos pelos produtores junto às cooperativas e demais fornecedores, originários da aquisição de insumos agrícolas, para o plantio da safra 2004/05 e plantio de safrinha de 2005.

- Desconsiderar os débitos prorrogados para efeito de cômputo dos limites de crédito para as cooperativas e produtores junto aos agentes financeiros.

- Agilizar a liberação de recursos para operações de pré-custeio da safra 2005/2006.

- Implementar, imediatamente, as medidas aprovadas pelo governo para

prorrogação dos débitos de custeio e investimentos.

- Restabelecer a Política de Garantia do Preço Mínimo, cumprindo o mecanismo de Aquisição do Governo Federal (AGF) e Empréstimo do Governo Federal (EGF).

- Renegociar as dívidas de produtores e cooperativas referentes ao Pesa, Recoop e Securitização.

- Permitir a prorrogação automática dos financiamentos de repasse feito pelas cooperativas agropecuárias aos seus associados conforme previsto no MCR 6.2 e MCR 6.4, bem como, a prorrogação dos financiamentos obtidos pelas cooperativas junto aos fornecedores de insumos em regiões afetadas pela estiagem.

- Aprovar rapidamente os processos de reconhecimento de Estado de Emergência em municípios afetados pela seca.

- Agilizar a aprovação dos recursos advindos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que se encontram em negociação junto ao Governo Federal, para viabilizar a renegociação das dívidas dos agricultores.

- Suplementar o orçamento do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em pelo menos R\$ 1,00 bilhão no ano de 2005. Ainda são necessários, adicionalmente, mais R\$ 60 milhões para apoio aos programas de sanidade agropecuária e R\$ 100 milhões para subvenção ao prêmio do seguro rural.

Assim, contamos com o apoio de toda a opinião pública e das autoridades a estas importantes reivindicações de um setor que muito tem contribuído para o desenvolvimento do País, através de consecutivos recordes na Balança Comercial.

É dada a hora do Brasil ajudar a Agricultura!

Londrina, 31 de maio de 2005. ■



Alunos recebem orientações sobre a área administrativa

Muito mais que cumprir a lei

Cocamar realiza Programa Trainee para Portadores de Deficiência com apoio do Senac e Sescop-PR

O Senac, em Maringá, iniciou treinamento para os participantes do Programa Trainee Administrativo para Portadores de Deficiência da Cocamar, que começou em maio e irá até novembro. Este evento também conta com o apoio do Sescop-PR através do convênio firmado com a Fecomércio, Senac e Sesc em abril deste ano. Para Adriana Pierini, coordenadora de Desenvolvimento Humano da Cocamar, a proposta do programa surgiu pela dificuldade da cooperativa em encontrar candidatos portadores de deficiências para as vagas existentes, especialmente nas áreas administrativas. “Geralmente a oferta se limitava a cargos operacionais e acabava concentrando a participação de deficientes auditivos, pois os visuais, mentais e deficientes físicos nem se candidavam”, conta.

Preparar as Pessoas Portadoras de Deficiência (PPD) para atuar nas áreas

administrativas, e oportunizar aos participantes a apresentação de suas potencialidades em um ambiente empresarial são objetivos do programa. Adriana conta que os trainees estão motivados, integrados e interessados. A aluna Silvana Marin diz que o programa é uma oportunidade para a qualificação profissional. “Estamos aprendendo sobre ética e trabalho em equipe. As pessoas sem nenhum tipo de deficiência já encontram muita dificuldade para arrumar um emprego, nós, com deficiência, temos a chance de aprender sobre serviços administrativos e, melhor ainda, com dinâmicas para conhecer um ao outro”.

A Lei 8213/91, de 24 de julho de 1991, determina percentual mínimo de pessoas portadoras de deficiências trabalhando nas organizações, de acordo com o número total de empregados contratados. O Plano de Benefícios da Previdência Social – artigo 93 – cria a obrigatoriedade para as empresas de contratação de PPD e de

reabilitados.

Os trainees estão recebendo conhecimentos sobre rotinas administrativas, conceitos como ética, cidadania e responsabilidade social fornecidos pelos instrutores do Senac. Para Antônio Aroca, diretor do Centro de Educação Profissional do Senac em Maringá, o objetivo da Organização é oportunizar o desenvolvimento da capacitação profissional e da integração com a sociedade. “Procuramos oferecer aos participantes um diferencial competitivo em busca da colaboração no mercado de trabalho e de sua valorização”. Para Adriana, a participação do Senac na capacitação dos alunos é de grande importância no processo de efetivação dos trainees. Para ela, a qualidade do treinamento fará toda a diferença na fase de conclusão do programa. “Serão trinta profissionais prontos para atuar nas áreas administrativas da Cocamar ou de qualquer outra empresa”, afirma. ■

Produtos feitos com **Amor** tem muito mais **Sabor**,
e o resultado é muito sucesso nas vendas.

3º Lugar
Marca mais
vendida



4º Lugar
Marca mais
vendida

Veja nossa linha de produtos



A MARCA DO CORAÇÃO

COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL LAR
Av. Brasília 1220 - Bairro Condô - Medianeira - PR
Fone: (45) 3264-8800 - Fax: (45) 3264-8801
SAC: 0800 45-8800 - Site: www.lar.ind.br

As amarras da legislação ambiental

Pluralidade de normas dificulta qualquer cidadão de acompanhar tantas mudanças

A diversidade de leis, decretos e normativos existentes no País tendem a tornar a vida do cidadão, desde o mais simples até o grande empresário, bastante complicada. Vivemos num País continental que adotou a forma federalista de república que resultou na existência de três esferas: a união, os estados e os municípios, com capacidade de legislar, muitas vezes, sobre um mesmo tema.

Segundo o assessor jurídico do Sistema Ocepar, Paulo Roberto Stöberl, é um problema estrutural no Brasil, que se manifesta em todos os campos – a imensa quantidade de normativos acabam criando amarras à vida do cidadão. “Um exemplo desta situação acontece no setor ambiental, onde órgãos executores emitem Portarias, Resoluções, Instruções Normativas e um sem número de outras normatizações. Mas a possibilidade de multiplicação de regras, no direito ambiental, em específico é presente, tendo em vista a repartição de competência constitucional, ou seja, a Constituição Federal determinou que tanto a União, como os Estados e os Municípios têm poder de criar leis sobre a questão ambiental, isto é a chamada competência concorrente, contida no artigo 25, VI, da Constituição da República”, ressalta Stöberl.

O advogado lembra que o cidadão deve obedecer e para tanto conhecer, as leis federais, estaduais, municipais, “estar preparado para receber fiscalização estadual e federal, preencher for-



Stöberl: “o produtor rural está num emaranhado de obrigações, cercado de todos os lados”

mulários, autorizações, redigir relatórios, muitas vezes devendo contratar profissionais para firmar assinatura técnica, preencher requerimentos de licenciamento, estudo de impacto ambiental, além de realizar o pagamento de taxas e outros emolumentos federais, estaduais e municipais”.

O assessor da Ocepar também ressalta que, a cada ano que passa, as regras para cumprimento avolumam-se numa quantidade cada vez maior. “O cidadão se vê, principalmente o produtor rural, num emaranhado de obrigações, cercado de todos os lados, cuja sensação poderia ser comparada à uma chuva de flechas dos cowboys cercados de índios apaches, daqueles antigos filmes de faroeste norte-ame-

ricano. Esta comparação seria hilária se não fosse trágica e de resultados desastrosos”, salienta o advogado.

E para piorar este quadro, conta Paulo Roberto, temos várias legislações autônomas regulando diferentes partes do meio ambiente, a exemplo da Lei 9.985 – SNUC e do Código Florestal, Código de Águas, etc. “Na verdade, nem nós advogados nos sentimos seguros em algumas situações. A pluralidade de normas é muito grande e os desmandos dos órgãos do poder executivo em elastecer conceitos legais ocorrem, não raras vezes, o que faz com que o leigo perca-se diante de leis e portarias, seguindo, muitas vezes, um regramento que poderia ser questionado”, conclui.

Dirigentes conhecem projetos vencedores

A viagem técnica foi promovida pela OCB e pelo Sescop Nacional, com apoio da Ocepar

Conhecer de perto os projetos paranaenses vencedores do Prêmio Cooperativa do Ano, promovido pela OCB e revista Globo Rural no ano passado. Com este objetivo, uma comitiva formada por 21 presidentes de unidades estaduais do sistema cooperativista brasileiro, acompanhados pelo presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, pelo gerente geral da OCB, Ramon Belisário, e pela assessora de comunicação da entidade, Daniela Lemke, iniciou por Curitiba, no dia 6 de junho, uma viagem de cinco dias percorrendo cinco municípios, sede das cooperativas: Agrária (Guarapuava), vencedora nas categorias Responsabilidade Social e Gestão Profissional; Coamo (Campo Mourão), categoria Educação Cooperativista; Copacol (Cafelândia), categoria Qualidade e Produtividade; Coopavel (Cascavel), categoria Intercooperação, e em Medianeira, as cooperativas Frimesa, categoria Marketing e a Lar, categoria Meio Ambiente.

O presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, devido a compromissos em Brasília não pôde acompanhar a viagem pelo interior do Paraná. Ele esteve em Curitiba participando da recepção preparada pela Ocepar aos dirigentes, quando assistiu a uma detalhada explanação sobre o funcionamento da Ocepar e do Sescop no Paraná e sobre os principais dados do cooperativismo no Estado, realizada



Imprensa Ocepar

Presidentes de diversas organizações estaduais foram recebidos em Curitiba

pelo presidente João Paulo Koslovski.

Para Márcio Lopes de Freitas, a importância da realização desta viagem técnica, promovida pela OCB e pelo Sescop Nacional, “é a realização de um sonho antigo do sistema”. Márcio afirma que testemunha a verdadeira intercooperação, na prática possível e cabível. “Além de termos a oportunidade de visitar o que existe de melhor no cooperativismo brasileiro, reconhecido pelo prêmio, muito mais do que isso, estamos tendo a oportunidade de conhecer, com toda a representação do sistema, o excelente desenvolvimento que acontece no cooperativismo do Paraná e do Rio Grande do Sul”. Além do Paraná, a comitiva esteve no município de Não Me Toque (RS), sede da cooperativa Cotrijal, vencedora na categoria Inovação

Tecnológica, com o projeto Sistema de Alerta e Monitoramento de Doenças.

O presidente da OCB também destaca que a viagem é uma oportunidade de integração entre esses dirigentes, para que possam trocar experiência e fortalecer os laços de amizade e relacionamento. “Dentro destes objetivos, criamos também oportunidade de negócios entre os estados, entre as cooperativas, afinal, falamos a mesma língua, temos a mesma cultura filosófica que é a cooperação. Um processo técnico de aprendizagem que não termina aqui, isto é apenas o começo e que, com certeza, gerará frutos importantes no futuro”, ressalta o dirigente que mais uma vez se confessa realizado em poder ver na prática esta intercooperação nacional das organizações estaduais. ■

Trigo volta a

do Paraná ser competitivo

Decisão paranaense traz tranqüilidade a cooperativas, produtores e indústria

Operações de venda de trigo, de farinha de trigo e de misturas pré-preparadas de farinha de trigo para pães, feitas por estabelecimentos paranaenses com destino a contribuintes de São Paulo, passam a ter diferimento do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), conforme Decreto nº 4920, assinado pelo governador do Estado do Paraná, Roberto Requião, no dia 6 de junho. O Decreto protege a triticultura paranaense contra a iniciativa de São Paulo, que estabeleceu o corte de 7% para 0%, do ICMS para produtos da indústria do trigo, em Decreto assinado no dia 26 de maio. O problema foi levantado inicialmente pela Ocepar e pelo Sindicato da Indústria do Trigo do Paraná (Sinditrigo) diretamente ao secretário da Agricultura, Orlando Pessuti, em reunião na Ocepar com representantes de cooperativas e moinhos, e, posteriormente, num encontro com o secretário da Fazenda, Heron Arzua e deputados estaduais.

As cooperativas paranaenses são responsáveis por 70% das 3,1 milhões de toneladas de trigo produzidas no Estado, ou seja, cerca de 2,1 milhões de toneladas. Para o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, “nossa triticultura corria sérios riscos por



Arquivo Ocepar

Decreto paulista causaria prejuízo de R\$ 1,02 bilhão ao Paraná

falta de competitividade, devido ao decreto paulista. Entendemos que a atitude tomada pelo governo do Paraná foi acertada, afinal, cálculos apontavam para um prejuízo de aproximadamente R\$ 1,02 bilhão ao setor que, com o decreto estadual, recupera sua competitividade em relação ao mercado paulista”.

Para o vice-governador e secretário estadual da Agricultura, Orlando Pessuti, todo o setor produtivo paranaense seria prejudicado. “Ao baixar a medida, São Paulo procurou resolver um problema interno, mas criou uma terrível situação ao Paraná”, disse. Pessuti lembrou que a produção paranaense de trigo é 30 vezes maior que a de São Paulo, portanto, “abrir mão do ICMS para eles não representa nada, mas para o nosso Estado representa milhões de arrecadação”. Pessuti classificou de “lamentável” a atitude do governador paulista, porque uma ação de interesse menor daquele Estado iria desorganizar todo o setor produtivo paranaense.

O presidente do Sindicato da Indústria do Trigo do Paraná, Rolando Guth, ressalta que “com essa decisão, voltamos a ser competitivos. O governo paulista tomou uma medida unilateral, acirrando uma guerra fiscal contra o Paraná, que sairia tremendamente prejudicado”, destacou Guth. Já o superintendente da Cotriguaçu, Cândido Takashiba, afirma que essa foi a primeira “briga” resolvida, mas que ainda há outras, como o diferencial de ICMS para venda de farinha e de trigo para outros Estados, e a pré-mistura (farinha adicionada com sal) da Argentina, que é exportada ao Brasil pagando apenas 5% de imposto. Ele defende uma solução definitiva à guerra fiscal na cadeia do trigo, na qual cada Estado estabelece regras próprias, que sempre acabam prejudicando alguém. “Temos que pressionar para que ao Confaz adote um mesmo critério para todo o Brasil”, diz Takashiba. “A gente está muito contente com a decisão do governo do Paraná, que vai ajudar os moinhos e os produtores de trigo”, conclui. ■

Frimesa

Friminho Néctar

NOVOS!
EXPERIMENTE

**5 deliciosos
sabores!**

Mix de Laranja e Acerola
Mix de Banana, Laranja e Morango
Manga
Pêssego
Uva

SEM CONSERVANTES • SEM CONSERVANTES
NATURAL



Agente preparado, é colaborador bem treinado

Ferramentas do Sescop-PR utilizadas como instrumento facilitador ao trabalho dos agentes



Diagnóstico sobre necessidade de treinamento na Agrária é feito diretamente na área que cria a demanda

Fotos: Imprensa Ocepar

O papel do agente de desenvolvimento humano, em especial na correta utilização das ferramentas oferecidas pelo Sescop-PR, como fator determinante no processo de capacitação dos colaboradores das cooperativas paranaenses. É como se uma coisa estivesse atrelada a outra. Ou seja, do desempenho do agente depende o resulta-

do dos treinamentos e a maximização dos recursos disponibilizados pelo sistema para investimentos em qualificação.

Porém, a elaboração de um diagnóstico mais preciso, com as reais necessidades de cada cooperativa, também requer a qualificação do próprio agente. E, nesse aspecto, o Sistema Ocepar vem desenvolvendo um trabalho com o ob-

jetivo de preparar e disciplinar a atuação desses profissionais. “A orientação ao agente é importante diante da preocupação, não somente com os números, mas também com a qualidade e aproveitamento desses treinamentos”, disse Leonardo Boesche, da gerência de Desenvolvimento Humano do Sistema Ocepar.

Assim, explica Leonardo, para que o

Sescoop-PR possa cumprir o seu papel de agente facilitador, torna-se fundamental a contrapartida da cooperativa, com o comprometimento do colaborador responsável pelo levantamento das demandas de treinamento. “Estamos falando de um trabalho em conjunto, envolvendo o analista do Sescoop, o agente de desenvolvimento humano e, por fim, o colaborador, que tem um reflexo direto no resultado da cooperativa.”

Márcia Domingues da Luz, analista de Recursos Humanos da Cooperativa Agrária, de Entre Rios (Guarapuava), e coordenadora da equipe de agentes da região Centro-Sul, sabe muito bem como utilizar e explorar os benefícios proporcionados pelas ferramentas do Sescoop-PR. A cooperativa chegou a produzir um *case* sobre a metodologia adotada para o levantamento de necessidades e, também, no acompanhamento dos treinamentos.

De acordo com a avaliação de Márcia, o agente também é um instrumento para que a cooperativa possa ver e medir o

valor do investimento em recursos humanos. A receita, segundo ela, é simples e tem como base a organização e o planejamento para melhor aproveitar os recursos e ferramentas do Sescoop.

“Os agentes precisam ter noção da importância de seu trabalho”, disse Márcia, destacando que a regra número um para o desempenho da função é estar sempre em sintonia com as demais áreas da cooperativa, sejam elas do setor administrativo ou industrial. Um dos segredos seria a verificação *in loco* das demandas, num levantamento com o coordenador, mas também direto com o funcionário, o operacional. “Não podemos somente acatar, mas precisamos ir até as áreas, conhecer o processo e sugerir.”

O *case* apresentado pela Agrária sobre o assunto mostra como se desenvolve o trabalho do agente dentro da cooperativa, que consiste basicamente em levantar as necessidades de treinamento; estabelecer e aprovar o programa de treinamento; elaborar e executar o cronograma; avaliar resultados do

programa de educação e treinamento; e propor ações de melhorias para futuros treinamentos. A cooperativa também criou uma ficha de solicitação e acompanhamento dos cursos, objetivos e resultados que se pretende atingir.

Os grupos de agentes, divididos por regiões, têm como objetivo discutir juntos a aplicação dos recursos destinados a treinamentos. O ideal é distribuir eventos em todas as cooperativas. Mas o problema é que, em alguns casos, não há um comprometimento por parte das cooperativas. Existem, por exemplo, agentes que vão para a reunião sem nem mesmo ter feito o levantamento das necessidades.

A sugestão de Márcia Domingues, pensando em tornar as reuniões dos grupos mais produtivas, é que os agentes se preparem para o encontro e levem para discussão demandas reais e que atendam a necessidades práticas das cooperativas. “Levantamentos improvisados não funcionam. E as demandas também precisam ser bem embasadas.”

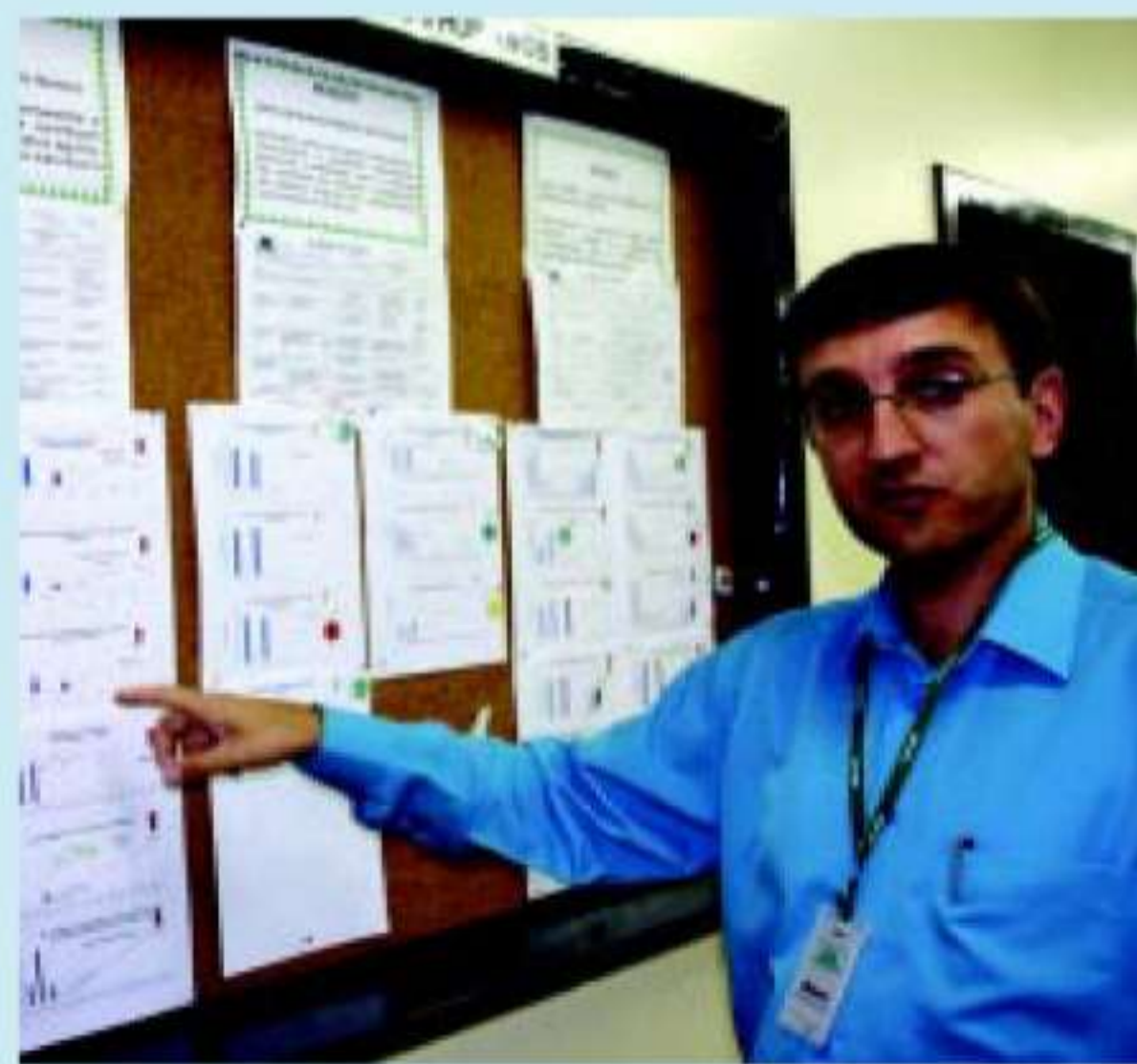
Recursos Humanos voltado à qualificação

Mauro José Vanz, coordenador de Recursos Humanos da Agrária, sugere uma análise e reflexão sobre os investimentos e o foco do trabalho realizado junto aos colaboradores. “É preciso entender o resultado que isso pode trazer para a cooperativa”, explica Mauro Vanz, lembrando que ainda não se consegue vincular o melhor desempenho da empresa ao funcionário, mas somente ao mercado, ao preço e à tecnologia.

Ele cita como exemplo o MBA em Gestão Empresarial do Agronegócio, que está sendo realizado para funcionários e cooperados numa parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV). No primeiro módulo, voltado à gestão de pessoas, muitos cooperados quase desistiram. Agora, que começou contabilidade, a participação é mais efetiva. “Parece que as pessoas estão em segundo plano”, disse Mauro, para quem o entendimento e o investimento em recursos humanos ainda é subjetivo.

Na avaliação de Mauro, as cooperativas precisam ter um departamento de recursos humanos cada vez mais voltado para a qualificação, como parte de um processo de gestão. “Precisamos entender que uma equipe bem preparada é o diferencial da cooperativa”.

Dos quase 1.000 colaboradores do quadro funcional da Cooperativa Agrária, mais de 800 devem ser treinados este ano, numa relação de 30 horas/homem.



Mauro Vanz: recursos humanos mais voltado à qualificação

31 anos de pesquisa cooperativa no PR



Lideranças cooperativas participaram no dia 20 de maio, em Cascavel, do evento comemorativo aos 31 anos de existência da pesquisa cooperativa no Paraná e 10 anos de criação da Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec). Na ocasião, foi prestada uma homenagem ao presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, e ao funcionário mais antigo, o técnico agrícola Ademar Alves Sobrinho, que trabalha na instituição há 29 anos. A atual Coodetec surgiu em 1974, como Departamento de Pesquisa da Ocepar, encarregado de desenvolver variedades de soja, trigo, triticale e, mais tarde, de milho, adequadas às condições de clima do Paraná. Em 1995, assembléia geral da Ocepar decidiu transformá-lo em cooperativa central de pesquisa.

Jornalistas do Agronegócio fundam associação no Paraná

Com a finalidade de reunir profissionais de imprensa que atuam no agronegócio, foi constituída no dia 11 de maio, a Associação de Jornalistas do Agronegócio do Paraná (AJAP), durante assembléia realizada na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, em Curitiba, quando foram aprovados estatutos e eleita a primeira diretoria. O objetivo é promover a discussão, a divulgação e o conhecimento de assuntos de interesse do agronegócio e, ao mesmo tempo, aprimorar o conhecimento dos profissionais que atuam no setor. A primeira diretoria eleita da AJAP ficou assim constituída: Marcos Garcia Tosi (presidente); Samuel Zanella Milléo Filho (vice-presidente); André Franco (1º secretário); Marcos André Morgestein (2º secretário); Roberto Monteiro (1º tesoureiro); e Elvira Fanti (2ª tesoureira). Conselho Fiscal: Eloy Olindo Setti, Paulo Roberto Domingues e João Alceu Ribeiro (titulares); Thea M. Tavares, Vânia Casado e Rogério Otávio B. Viana (suplentes).

Gallassini na Bolsa de Chicago

O presidente da Coamo, Aroldo Gallassini, lançou oficialmente na Bolsa de Chicago, no dia 20 de maio, a negociação dos contratos futuros da soja sul-americana. Gallassini foi convidado pelo presidente da Bolsa de Chicago, Charles Carey, quando de sua visita a Coamo no ano passado. A bolsa pretende estimular empresas e produtores do Brasil e Argentina a utilizarem o contrato, com o argumento de que ele reproduz com mais fidelidade a realidade local de preços. Trata-se do primeiro contrato agrícola da bolsa que prevê entrega física da mercadoria fora dos Estados Unidos: nos portos de Santos (SP) e Paranaguá (PR). A bolsa estuda lançar também contratos de óleo e farelo sul-americano.

Sicoob em Guarapuava e Assis Chateaubriand

Foi inaugurada no dia 20 maio, em Guarapuava, mais uma cooperativa do Sistema Sicoob Paraná. O Sicoob Guarapuava é resultado do empenho dos diretores da Associação Comercial, que apostam na força do cooperativismo para promoção da integração financeira e social dos empresários da região. No dia 3 de junho, foi a vez da cooperativa em Assis Chateaubriand (Sicoob Médio Oeste). As próximas inaugurações serão em Ponta Grossa e Telêmaco Borba, na Região dos Campos Gerais, com as quais o Sistema Sicoob Paraná completa um total de 20 cooperativas no Estado.

10 anos sem aftosa



A Campanha Paraná 10 anos sem Febre Aftosa, coordenada pela Secretaria de Estado da Agricultura, terminou dia 20 de maio com a realização do último Fórum Regional do Conselho Estadual de Sanidade Agropecuária (Conesa), no Canal da Música, em Curitiba. A expectativa é que tenham sido imunizados 100% do rebanho paranaense, de 10,7 milhões de cabeças. O governo atribui a conquista de dez anos sem focos da doença no Paraná à conscientização da classe produtora, ao avanço tecnológico na produção de melhores vacinas e ao trabalho intenso dos técnicos que, nesses anos, vêm se dedicando aos cuidados sanitários tanto animal quanto vegetal.

Funcionários da Ocepar/Sescoop-PR no Roteiro dos Imigrantes



Funcionários do Sistema Ocepar/Sescoop-PR realizaram durante o feriado de Corpus Christi (26, 27 e 28/05), uma viagem técnica para conhecer o circuito das cooperativas de colonização europeia: Castrolanda (Castro), Batavo (Carambei), Camp (Prudentópolis) e Agrária (Entre Rios/Guarapuava), que integram o Roteiro dos Imigrantes. Durante três dias o grupo conheceu mais detalhadamente o importante trabalho de estruturação que vem sendo realizado pela Cooperativa de Turismo do Paraná (Cooptur), para receber turistas interessados em conhecer um pouco dos atrativos naturais, religiosos, gastronômicos, além do artesanato, cultura e união em torno de cooperativas fundadas pelos imigrantes.

Economia paranaense no Fórum dos Diretores

Dias 17 e 18 de maio, profissionais da área de gestão das cooperativas participaram, em Curitiba, da segunda etapa do Fórum dos Diretores Executivos. O tema deste módulo foi Economia Paranaense e teve como instrutores palestrantes do Iparde (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). O objetivo do fórum é a profissionalização da gestão das cooperativas, buscando estimular o conhecimento e enfatizando a importância do papel do executivo dentro do sistema. O superintendente da Ocepar, José Roberto Ricken, destacou a importância desse módulo, em especial sobre a possibilidade de se conhecer melhor e discutir o cenário econômico do Paraná, demandas e perspectivas. A próxima etapa está programada para os dias 22 e 23 de junho e vai tratar de "Finanças".



Orientações sobre transgênicos

Mais de 160 técnicos das cooperativas agropecuárias participaram, no dia 12 de maio, do seminário sobre transgênicos promovido pelo Sistema Ocepar, em Maringá, com apoio da Cocamar. Durante o seminário, foram discutidos e analisados os aspectos legais, técnicos e comerciais da soja transgênica. O objetivo foi o de buscar conhecimentos junto aos pesquisadores e profissionais de mercado para melhor orientar os produtores por ocasião do plantio da safra 2005/06. Especialistas da CTN-Bio, da Embrapa, Coodetec e Ministério da Agricultura, Coamo e da iniciativa privada falaram sobre temas atuais e de interesse dos profissionais das cooperativas.

Líderes estaduais da Gazeta Mercantil

Das cinco lideranças estaduais eleitas pelo Fórum de Líderes do jornal Gazeta Mercantil em maio, quatro pertencem ao sistema cooperativista paranaense: João Paulo Koslovski, presidente da Ocepar, José Aroldo Galasini, da Coamo, Luiz Lourenço, da Cocamar e Luiz Roberto Baggio, da Bom Jesus. O quinto eleito é o presidente da Faep, Ágide Meneguette. Entre todos os estados brasileiros, apenas o Paraná é que elegeu lideranças do setor cooperativista. Ao total foram eleitos 115 lideranças, cinco em cada estado, através de votação realizada pela internet. Todos os eleitos passam a integrar o Fórum de Líderes, que conta agora com 1.220 membros. A relação completa de todos eleitos, estado por estado pode ser acessada pelo endereço www.lideres.org.br.

Termômetro

fiscal das cooperativas

Considerada como uma atividade importante na estrutura de toda sociedade cooperativa, a figura do conselheiro fiscal vem a cada ano sendo mais bem preparada para o desempenho da função

“**F**uncionamos como se fôssemos um termômetro fiscal dentro da cooperativa. O conselheiro deve ter a obrigação de saber sobre tudo que acontece na cooperativa e, de forma transparente, madura, saber analisar os fatos e dar seu parecer”. Esta é a definição dada pelo produtor Lotário Richter, que há mais de 30 anos atua no cooperativismo, dos quais, 18 como conselheiro fiscal das diversas cooperativas em que já foi associado. Hoje, ele atua no conselho fiscal da cooperativa Witmarsum, em Palmeira, e, no último dia 19 de maio, participou de um treinamento promovido pelo Sistema Ocepar/Sescoop-PR com a finalidade de melhor preparar os conselheiros para o exercício da atividade.

Ao todo foram nove cursos em todo o Estado, que contaram com a presença de 249 conselheiros fiscais dos mais diversos ramos de cooperativas. O conteúdo destes cursos incluiu treinamentos sobre cooperativismo, atuação do conselho fiscal, contabilidade e análise de balanços. Os instrutores foram Gerson Lauermann, gerente de Desenvolvimento e Autogestão, Leonardo Boesche, gerente de Desenvolvimento Humano, Devair Mem e Pedro Salanek Filho, analistas econômico-financeiros do Sescoop-PR.

Para Lotário Richter, a exemplo dos membros do conselho de administração da cooperativa, os conselheiros fiscais também devem sempre buscar informações para se atualizar sobre as princi-



Conselheiros reunidos durante treinamento em Curitiba

pais mudanças que acontecem na área de legislação, de finanças e do próprio cooperativismo, participar de cursos e treinamentos não é só uma obrigação, mas um dever. “Como na atividade agrícola, saber utilizar as ferramentas adequadas para o desenvolvimento do trabalho é de fundamental importância e os cursos que a Ocepar e o Sescoop sistematicamente realizam tem sido decisivos para nossa melhor atuação como conselheiros fiscais”, ressalta.

Já o produtor, advogado e membro do conselho fiscal da cooperativa Coopagrícola, de Ponta Grossa, Luiz Carlos Casara vai além: o programa de autogestão, implantado no sistema cooperativista, fez com que a função de conselheiro se tornasse uma peça fundamental para que a

cooperativa tenha um acompanhamento qualificado do seu desenvolvimento. Casara lamenta que “o tempo que o conselheiro tem para se dedicar aos assuntos da cooperativa é pequeno, às vezes o grupo se reúne em uma ou duas ocasiões por mês, o que não é suficiente para se inteirar de todos os aspectos que envolvem a atividade. Contamos com o auxílio das auditorias internas e externas para a realização das tarefas, afinal, são empresas compostas por profissionais qualificados e que muito têm nos auxiliado”. Ele também destaca que os cursos e treinamentos realizados pelo Sistema são um diferencial para que um conselheiro possa atuar com a certeza de que está fazendo o melhor em prol da sua cooperativa e do sistema. ■

*Uma boa safra
começa aqui.*



ADUBOS **COOPAVEL**

Coopavel Cooperativa Agroindustrial
Fone (45) 218 5000 - Cascavel - PR
www.coopavel.com.br



INDICADORES ECONÔMICOS

A agricultura, apesar da forte crise que está atravessando, no primeiro semestre de 2005, ainda foi a responsável pela sustentação do pequeno crescimento do Produto Interno Bruto Brasileiro. O crescimento de apenas 0,3% do PIB em relação ao trimestre anterior foi possível devido às exportações totais brasileiras, que cresceram 3,5%, e à agropecuária, com aumento de 2,6%. A desaceleração tem como a sua principal causa a alta taxa de juros, que

desaqueceu a economia. O Banco Central elevou a taxa básica de juros da economia brasileira nos últimos nove meses, estando em 19,75%. O dólar continuou com movimentos descendentes devido ao bom momento das exportações e a procura por títulos brasileiros, chegando em maio ao redor dos R\$ 2,40. Os principais produtos agrícolas também tiveram retrações nos preços recebidos pelos produtores paranaenses em maio.

INDICADORES CONJUNTURAIS DA ECONOMIA

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Abr 05	Mar 05	Fev 05	Jan 05	Dez 04	Nov 04	Out 04	Set 04	Ago 04	Jul 04	Jun 04	Mai 04	Abr 04	Ano 04	Ano 03	Ano 02	Ano 01	Ano 00
Taxa inflação	IPCA	0,58	0,61	0,59	0,58	0,86	0,69	0,44	0,33	0,69	0,91	0,71	0,51	0,37	7,60	9,30	12,53	7,67	5,97
	IGP-Di	0,51	0,99	0,40	0,33	0,52	0,82	0,53	0,48	1,31	1,14	1,29	1,46	1,15	12,14	7,67	26,41	10,40	9,80
Taxa desemp.	%	10,8	10,8	10,6	10,2	9,6	10,6	10,5	10,9	11,4	11,2	11,7	12,2	13,1	11,75	12,3	7,1	6,2	7,1
Taxa de Câmbio	R\$/US\$	2,45	2,70	2,60	2,69	2,72	2,79	2,85	2,89	3,00	3,04	3,13	3,10	2,91	2,92	3,08	3,49	2,35	1,83
Taxa Selic	%	19,75	18,97	18,47	17,93	17,51	16,97	16,41	16,10	15,86	15,78	15,80	15,78	15,97	17,51	23,37	20,44	19,05	16,19
TJLP	%	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,75	9,83	11,5	10,0	10,0	9,75
TR	%	0,200	0,263	0,096	0,188	0,240	0,115	0,111	0,173	0,200	0,195	0,176	0,155	0,087	0,155	0,379	0,274	0,189	0,173
Balança Com.	Bi US\$	12,20	8,32	4,97	2,18	33,70	30,18	28,13	25,12	21,95	18,52	15,05	11,24	8,12	33,70	24,83	13,13	2,64	-0,75
Res. Internac.	Bi US\$		61,96	59,02	54,02	52,93	50,13	49,42	49,50	49,59	49,66	49,80	50,54	50,50	52,93	46,56	37,06	35,87	33,01

Fonte: FGV, IBGE, Bacen, Mdic - Elaboração: Ocepar/Getec - 2005.

INDICADORES DE PREÇOS DO AGRONEGÓCIO

ÚLTIMOS 12 MESES

Indicadores	Unidade	Mai/05	Abr/05	Mar/05	Fev/05	Jan/05	Dez/04	Nov/04	Out/04	Set/04	Ago/04	Jul/04	Jun/04	Mai/04	Ano05*	Ano/04	Ano/03	Ano/02	Ano/01	Ano/00
Algodão em caroço	R\$/@	13,12	13,00	12,94	13,19	14,29	14,59	14,79	14,91	14,89	14,88	15,61	16,18	17,54	13,31	17,03	17,50	9,96	8,28	9,35
Café em coco	kg/renda	3,97	3,96	4,13	3,84	3,45	3,27	3,02	2,85	2,73	2,64	2,76	3,09	2,82	3,87	2,82	2,31	1,56	1,42	2,21
Milho	R\$/Sc	15,97	16,26	15,78	13,38	13,02	12,71	13,49	14,23	15,03	14,97	15,97	17,37	18,96	14,88	15,53	15,73	13,90	8,31	10,75
Soja	R\$/Sc	27,81	29,20	31,76	27,01	29,15	28,90	29,50	30,97	34,54	34,22	35,98	40,32	45,89	28,99	38,42	37,42	25,69	19,06	17,21
Trigo	R\$/Sc	21,78	22,93	20,78	19,18	19,60	20,05	20,76	21,33	22,59	24,63	26,79	29,72	29,32	20,85	24,51	27,24	29,49	15,65	13,09
Cana de açúcar	R\$/t	27,89	27,87	27,78	28,22	28,01	28,46	27,97	27,03	26,45	26,09	24,59	23,86	23,98	27,95	25,77	26,04	20,02	21,06	17,24
Mandioca	R\$/t	124,35	128,03	136,35	164,82	187,89	211,59	226,64	234,08	236,73	219,01	206,17	190,68	202,98	148,29	238,10	197,95	59,08	45,12	73,82
Boi gordo	R\$/@	50,53	51,05	52,37	53,93	55,77	56,84	56,65	55,77	56,75	57,48	56,10	55,45	54,40	52,73	55,89	54,14	45,41	40,21	38,15
Franco vivo	R\$/kg	1,37	1,37	1,35	1,33	1,40	1,62	1,51	1,47	1,40	1,44	1,45	1,46	1,42	1,36	1,44	1,37	1,02	0,86	0,80
Leite cota	R\$/l	0,51	0,50	0,48	0,47	0,46	0,47	0,48	0,49	0,49	0,49	0,48	0,47	0,43	0,48	0,45	0,41	0,30	0,28	0,30
Suíno raça	R\$/kg	1,88	2,27	2,55	2,53	2,51	2,75	2,68	2,62	2,67	2,46	2,26	2,12	1,93	2,35	2,24	1,59	1,17	1,23	1,09

Fonte: Seab/Deral, Elaboração: Ocepar/Getec - Abril/2005. Preços médios mensais recebidos pelos produtores paranaenses. *Média simples janeiro a maio 2005.

INDICADORES DO COOPERATIVISMO

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004
Faturamento (bilhões R\$)	6,49	8,02	11,21	15,50	18,00
Cooperativas (unidades)	194	193	202	204	210
Cooperados (unidades)	243.224	245.884	266.523	293.579	348.000
Colaboradores (unidades)	28.460	30.421	32.693	39.059	45.000
Exportações (milhões US\$)	355,42	633,82	643,87	800,00	1.000,00
Investimentos (milhões R\$)	-	300	350	450	780
Participação no PIB do Paraná	9,70%	10,50%	13,30%	16,50%	18,00%
Participação no PIB agropecuário do PR	47,00%	55,00%	52,00%	53,00%	55,00%

Fonte: Ocepar/Getec. O PIB do Paraná em 2003 foi de R\$ 94,17 bilhões e o valor bruto da produção agropecuária no Paraná foi de R\$ 28,01 bilhões.



A NATUREZA ESTÁ PRECISANDO DE UMA MÃOZINHA.

PROTEJA OS RIOS EM SUA PROPRIEDADE
COM MATA CILIAR.



O FUTURO DO
PLANETA AGRADECE.



Espaço do leitor



As cartas devem ser encaminhadas para a Rua Mateus Leme, 575, Centro Cívico, CEP: 80530-010 – Curitiba – Paraná, ou pelo e-mail imprensa@ocepar.org.br



Ao cumprimentá-lo, gostaria de parabenizá-lo pela elaboração deste importante veículo, e é com muita satisfação que tenho acompanhado o trabalho da Revista Paraná Cooperativo, que, sempre com muita propriedade, aborda importantes assuntos de interesse não somente do Paraná, mas de interesse nacional. A direção da Ocepar está, sem dúvida, de parabéns por esta iniciativa. Na condição de Prefeito Municipal de Canguçu – Rio Grande do Sul, e preocupado em buscar alternativas viáveis para o desenvolvimento local, buscamos recentemente no Paraná a experiência de desenvolvimento através do sistema cooperativista. Temos a convicção de que esse sistema é a oportunidade para que os pequenos e médio proprietários rurais, e mesmo das cidades, possam participar, por intermédio da cooperativa e do cooperativismo, dos destinos econômicos da região e do país.

Vemos no cooperativismo e na ação compartilhada, o melhor caminho para um crescimento contínuo e sustentado para o agronegócio, para o nosso produtor e para os pequenos municípios, mas para isso devemos construir juntos este sonho, de um sistema cooperativo sério, competente, bem gerenciado e com um corpo associativo produtivo, trabalhador e honrado, no entanto, não temos dúvida que reunimos todo o necessário para que isso aconteça.

Incentivar e desenvolver o sistema cooperativista são alternativas sólidas para os pequenos municípios, os pequenos produtores e toda a cadeia que envolve o agronegócio, o seu apoio, para nós, é de fundamental importância nesta caminhada firme para a consolidação deste projeto e, por isso, buscamos em Vossa Senhoria a disponibilidade para nos acompanhar e apoiar neste projeto.

Atenciosamente

Cássio Luiz Freitas Mota

Prefeito Municipal de Canguçu - RS



Copagril

Nós acreditamos nesta marca!

Experimente!



Produtos Copagril
45 3284-1133
www.copagril.com.br



AGROLEITE[®] 2005

O centro da pecuária leiteira do Brasil

09 a 13
de Agosto/2005
Castrolanda
Castro-PR/Brasil

- Nacional de Criadores da Raça Holandesa
- 40^ª Expocastrolanda
- Leilão Elite Multiraças
- Unidade Demonstrativa do Sistema de Produção de Leite
- Palestras técnicas
- Feira de Sabores

Realização:



castrolanda

Cooperativa Agropecuária Castrolanda

www.agroleitecastrolanda.com.br
(42) 3234-8042

O tempo passa e a crise



Manifestação realizada por produtores rurais no ano de 1985 no Paraná

A exemplo do que já havia ocorrido na década anterior (1985), quando milhares de produtores organizaram a “Marcha à Brasília”, no ano de 1995, produtores rurais, inconformados com o descaso do governo federal em relação às dificuldades do campo, realizaram grande mobilização para protestar contra o não cumprimento da política agrícola, cantada em prosa e verso durante as campanhas eleitorais. A insatisfação dos produtores reuniu multidões em vários municípios da região Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Correção perversa dos indexadores, espe-

cialmente a TR, que graduava o financiamento agrícola, falta de recursos para o crédito rural, sistema de armazenagem esgotado e revisão das alíquotas de importação eram as principais queixas do setor. Uma matéria, publicada na edição nº 132 do Informe Semanal da Ocepar, representa bem a gravidade da situação dessa época: o texto relata o caso de um agricultor que havia financiado um trator ao custo de 2.388 sacas de soja e depois de um ano, sob as correções da TR, a dívida inicial equivalia a 9.500 sacas de soja. Dez anos se passam e os agricultores encontram-se novamente em dificuldades. A cri-

se de 2005 tem como causa as perdas ocasionadas pela quebra de safra, os baixos preços de comercialização e a falta de recursos para o refinanciamento das dívidas. Produtores voltam a protestar, desta vez numa grande concentração em Londrina, no último dia 31 de maio, reivindicando medidas emergenciais para contornar a crise provocada pela estiagem e também pela sobrevalorização do dólar. Pois é, épocas diferentes, a mesma história se repete, provando que o setor produtivo do País ainda carece de maior atenção por parte do governo. Chegou a hora do Brasil ajudar a agricultura! ■



O maior acontecimento do agronegócio avícola de 2005 no Brasil.



A C.Vale ampliou seu Complexo Industrial.

- Quatro novas indústrias 52.000 m² de construção irão garantir a estrutura para o aumento da produção de frangos de 150.000 para 300.000 frangos por dia
- Fábrica de Rações
- Desativadora de Enzima de Soja
- Industrializados de Frango
- Ampliação do Abatedouro de Aves
- A C.Vale investiu 240 milhões nas novas unidades industriais
- Mais de 2.000 pessoas trabalham no complexo avícola
- 8.000 novos empregos serão gerados
- Rateio de ICMS entre os municípios envolvidos
- 7.630 associados
- 15.000 pessoas presentes na inauguração



Conheça a

POUPANÇA SICREDI

e saiba porque, aqui, você
multiplica o seu Real.



Na Poupança SICREDI, você ganha os rendimentos e a tranquilidade de investir na instituição financeira da sua comunidade. E, ainda, os recursos captados são reinvestidos no setor rural*, gerando desenvolvimento para toda a região.

Multiplique seu Real com um investimento simples e seguro: Poupança SICREDI.

Produto do Banco Cooperativo SICREDI S.A.

*Conforme legislação em vigor.

